

DIA DE
NEGRO

MARIANA REIS

DIA DE NEGRO

Projeto Experimental de Conclusão do
Curso de Comunicação Social/Jornalismo – UFPE
Orientadora: Prof^a. Angela Prysthon

Recife
2006

Consultoria lingüística:
Nelly Carvalho

Normalização (ABNT):
Isavalda Lima

Revisão de texto:
Izabella Medeiros
Rosário Sá Barreto

Diagramação:
Gabriela Pires

Fotos:
Raquel Santana

Ilustração:
Alessandra Gomes

Ficha catalográfica:

Reis, Mariana Ferreira
Dia de Negro / Mariana Reis.
–Recife: Livro Rápido, 2006.
82 p. il.

Projeto Experimental de Conclusão
do Curso de Comunicação Social
/ Jornalismo – UFPE

1. CULTURA URBANA-REPORTAGEM
 2. MÚSICA NEGRA-REPORTAGEM.
- I. Título

CDU 316 R375d

“Discoteca não é dança para preto não. Discoteca, o senhor desculpa a gente falar, é dança para branco porque vocês não sabem dançar. Branco fica em pé parado e vai jogando só o cabelo. O preto tem ginga, o negócio de preto é gafeira, é sambar. O samba não é fácil de dançar. Para dançar samba tem que saber dançar, tem que ter ginga no corpo. Agora, discoteca não é para negro, que negro não tem cabelo pra jogar. Se ele fica em pé parado e joga, joga o quê? Só se for o pescoço. Agora, o branco não. O branco fica ali, joga o cabelo, joga para lá, joga para cá, então a discoteca foi inventada justamente para branco”.

Carlos Vogt e Peter Fry em *Cafundó - A África no Brasil*

À minha mãe.

A cada um dos entrevistados, sem os quais este livro não teria acontecido.

SUMÁRIO

Introdução	11
Na mesa do bar, uma idéia	13
De Batuques e Gogós	25
Raízes de Quilombo	30
Alafin Oyó	35
Favela Reggae	38
Bongar	41
Segurar a bolsa e fazer a cabeça	45
Terça é dia de negro. E de branco, de travesti, de suburbano, de punk	53
Axé de Fala	67
Glossário	79

INTRODUÇÃO

Toda terça-feira é dia de negro: ao menos no Recife. Nesse dia da semana, o Pátio de São Pedro, no bairro de São José, torna-se espaço reservado para receber música de negro, dança de negro e outras manifestações artísticas populares da cultura afro.

Isso vem do início da década. Num bar do centro do Recife – Pagode do Didi –, freqüentadores observavam que não existia um lugar na cidade que contemplasse música afro. Desde então, começaram a trazer grupos culturais comunitários para se apresentarem ali, todas as terças-feiras à noite.

Em 2002, o MNU – Movimento Negro Unificado – e a Prefeitura do Recife levaram o projeto para o Pátio de São Pedro, bairro de São José. Ao fundo, a Igreja de S. Pedro. No entorno, uma infra-estrutura de bares. Nesse espaço, segundo dados do MNU, reúnem-se cerca de duas mil pessoas por semana. É um grupo heterogêneo e eclético de estudantes, profissionais liberais, parentes e amigos dos músicos das bandas, turistas de outros estados e de outros países, simpatizantes do movimento negro, gente de todos os estilos e grupos sociais.

No palco, bandas formadas em subúrbios tocam *rap*, *reggae*, maracatu, coco, afoxé. Trata-se de um ponto de encontro da periferia no centro, onde as diferentes matizes culturais têm vez.

Esse público eclético faz do evento seu ponto de encontro. Espaço para tomar uma cerveja depois do serviço, conversar, assistir aos *shows* e “fazer a cabeça” – no sentido político e cultural. Outros estão ali para trabalhar: seja distribuindo panfletos, seja servindo mesas nos bares, fazendo *performances* ou apresentando os *shows*. Assim é a Terça Negra.

Durante o período de realização de entrevistas, a reportagem conferiu histórias curiosas, ouviu relatos dos freqüentadores e observou *in loco* aspectos da musicalidade, do comportamento e da marginalidade daquele espaço. A seguir, o resultado desse trabalho.



**NA MESA DO BAR,
UMA IDÉIA**

Não tinha palco, a gente fazia tudo no chão mesmo (Manoel).

O rastafári está encostado na estrutura do palco, displicente, folheando uns papéis velhos. Ignora minha presença. Sento numa mesa de bar, continuo olhando. Ele, nada. Os papéis amarelados parecem tão interessantes! Duas garotas chegam e o cumprimentam efusivamente. Ele sorri e pára de remexer nos papéis. Enfim, tomo coragem. Levanto e me aproximo dele.

“Com licença. Você sabe quem é Almir?”

Ele se volta para mim, finalmente.

“Sei, sim. Não é o irmão de Demy?”

Suspiro, aliviada.

“É. Ele chegou?”

“Não. Almir é sempre o último a chegar”.

“Mas ele disse que hoje ia chegar cedo”.

“Ele disse? Ah, então, se ele disse, ele chega”, responde, sem se abalar.

“Oxalá ele chegue!” Dizem as meninas, dirigindo-se a mim pela primeira vez.

“Oxalá ele chegue!” Repete o *rasta*, inabalável.

No meu íntimo, também torci para que ele chegasse logo. Quase uma hora depois, ficaria sabendo, por intermédio de um atrasado Almir, o nome do rastafári. Descobri que o *rasta* se chamava Benjamin. Achei que combinava bem o nome com a pessoa.

Almir coordena o setor de cultura do Movimento Negro Unificado (MNU) do Estado e é responsável pela atual fase do projeto Terça Negra no Pátio de São Pedro. É um homem tranquilo, muito pacato. Apesar dos problemas daquele dia – um dos maracatus não havia podido ir, não havia quem pudesse substituí-lo, as apresentações se atrasariam muito – e das freqüentes interrupções da entrevista, conversou por quase duas horas consecutivas. Inclusive em pé, desconfortavelmente (Em um momento, espremida entre duas pessoas, esbarrei no penteado afro de uma outra mulher e me desculpei.) e na chuva fina que começou a cair quando o grupo de *hip hop* novato, escolhido para preencher buraco, começou a tocar e parou, devido a desarranjos no som.

Aqui e ali, chega um para perguntar a programação da noite. Outro

puxa uma cadeira e senta-se conosco. O DJ que vai botar som no intervalo das bandas pergunta quanto tempo terá para tocar.

“Uns vinte minutos”, responde Almir, sem se abalar.

“Tudo bem, foi o que tinha planejado”, retruca o DJ, ajeitando o boné para o lado.

Numa das interrupções da conversa com Almir, um músico insiste para que ele lhe compre um CD. Ele ou qualquer um dos que vão se agregando à nossa mesa, onde sentamos sem consumir nada. *Cadela Suja* é o nome do disco, que custa R\$ 10. “É para inteirar a bebida. O tira-gosto eu já consegui”, explicou ele, “meio alto”, mostrando um saquinho de ovos de codorna cozidos. O rosto do rapaz é conhecido, visto num desses cliques locais que passam na TVU.

“Não tenho não, hoje estou quebrado”, responde alguém na mesa, mostrando a carteira vazia. O músico, enfim, desiste de assediar. O papo continua.

“Tudo começou no Pagode do Didi”, diz Almir, cofiando a barba rala.

Essa mesma história eu ouvi diversas vezes, da boca de Demy, irmão dele e apresentador da Terça Negra, da boca de Brivaldo, um dos primeiros coordenadores do evento no Pátio, e de tantos outros entrevistados, entre músicos e freqüentadores antigos. O Pagode do Didi, situado à Rua Ulhôa Cintra, número 43, no bairro de Santo Antônio – num trecho entre a rua Princesa Isabel, a avenida Dantas Barreto e a avenida Conde da Boa Vista – foi o primeiro abrigo do evento. Nos tempos de hoje, sexta-feira é o dia de maior movimento no bar, com mesas dispostas ao ar livre e batucada ao vivo naquele que é considerado pelos apreciadores do gênero como quartel-general do samba no centro do Recife.

Quando estive naquele Pagode, em março de 2006, uns rapazes tocavam pandeiro, rebolo, repique, tan-tan, reco-reco, mas ninguém dançava. A garçonete Socorro abria garrafas de cerveja quase que automaticamente, atendendo várias mesas, com um cigarro na boca, sem tragar. O cantor se apresentava impostando a voz de modo a torná-la incrivelmente igual à de Alcione, a *Marrom*, e cantava músicas dela, algumas mais de dor-de-cotovelo, outras, mais dançantes:

*É, você é um negão de tirar o chapéu
Não posso dar mole senão você... créu
Me ganha na manha e babau,
Leva meu coração
É, você é um ébano, lábios de mel
Um príncipe negro, feito a pincel
É só melanina cheirando a paixão*

Com os primeiros acordes dessa canção, que fez sucesso numa novela da TV, algumas pessoas começaram a dançar – casais e moças sambando sozinhas. No intervalo entre uma música e outra, enquanto a banda se recompunha, tomava água, afinava o cavaquinho, o cantor lia bilhetinhos escritos em guardanapos pelo público: recadinhos para os garçons e declarações apaixonadas de um cliente para alguma paquera da mesa ao lado.

Criado no início dos anos oitenta, o Bar do Didi – como era chamado na época – servia de espaço para apresentações de choro, MPB e serestas – além do bom e genuíno samba, é claro. O proprietário, que empresta seu nome ao espaço, é um senhor de óculos de grau que trocou o Rio de Janeiro pelo Recife há vinte e três anos. Ele próprio, um sambista, fundou a casa na informalidade. Os clientes não pagam *couvert* artístico e os músicos tocam por *brodagem*, com os instrumentos da casa. O horário de funcionamento é quase comercial: de segunda a sábado, a partir das sete horas da noite. A comida – como a dobradinha e o sarapatel – é preparada por Dona Sônia, esposa de Didi. Tudo muito caseiro, num ambiente familiar.

Integrantes das escolas de samba do Recife e grupos de percussão e samba de raiz fizeram do Pagode do Didi o seu ponto de encontro. O espaço também recebeu muita gente famosa: os já falecidos Bezerra da Silva e Jovelina Pérola Negra, o grupo Fundo de Quintal, Nequinho da Beija Flor e grupos de pagode mais novos que fizeram sucesso nos anos noventa, como Exaltasamba e Art Popular.

A “casa onde o samba faz moradia na terra do frevo”, como diz o

slogan do bar, também era ponto de encontro dos apreciadores dos ritmos afros e integrantes do Movimento Negro Unificado (MNU). As reuniões do Movimento, às sextas-feiras, terminavam num bar. O Caldinho do Preto e da Preta, na Casa da Cultura, geralmente servia para o papo-cabeça, regado a muito caldinho de sururu e camarão.

Com o fechamento do caldinho, a turma ia parar no Didi. “A gente falava de política, de como um negro fazia para arranjar emprego, se ia ser discriminado ou não pelo jeito como se vestia”, conta Fabiano Santos, organizador do Afoxé Alafin Oyó e um dos que acompanhou, de perto, os percalços da Terça Negra.

De 2000 para 2001, resolveram começar ali um esquema independente da programação oficial do pagode, mas com apoio da casa. “Não tinha palco, a gente fazia tudo no chão mesmo, às vezes sem equipamento”, lembra Manoel Menezes, um dos fundadores do afoxé Oxum Pandá e um dos integrantes do MNU que esteve à frente do projeto. Didi tinha um equipamento de som próprio, que mais tarde seria cedido para a projeção dos primeiros *shows* da música negra dos afoxés e samba-*reggae* do que viria a ser o embrião do projeto. O som da casa e o equipamento do Alafin serviam de base para os *shows* semanais, todas as terças e sextas-feiras.

A Terça Negra é uma filha de muitos pais. Difícil definir de quem foi exatamente a idéia de criá-la, pensamento surgido em meio a várias cervejas numa noite inspiradora.

Fabiano é quem conta: “O pessoal ficava de bobeira dia de terça. Manassés, Adeildo, Nado e eu queríamos um lugar para fazer música. Eduardo Melo... você conhece? Pronto. O Dudu da *Festa da Lavadeira* queria uma coisa grande, tipo Marco Zero. Mas no Pagode do Didi era onde o pessoal se reunia para uma cerveja”.

Para a data exata ou sobre o primeiro grupo a tocar “oficialmente” também há mais de uma versão. De qualquer forma, Alafin Oyó, o grupo afro Raízes de Quilombo e o samba-*reggae* Obá Nydge foram os primeiros grupos a se apresentarem lá. Rodas de capoeira e maracatus também fizeram ali apresentações. “O Maracaçote, maracatu do Caçote, comunidade do bairro de Areias, foi o primeiro a se apresentar no palco”, conta Demy,

morador daquele bairro recifense, explicando, em seguida, o que é o *caçote*: uma espécie de sapo pequenino, comum no lugarejo. Os afoxés Ilê de Egbá, do mestre Dito de Oxóssi, e Oxum Pandá, do mestre Genivaldo, chegaram a tocar no Didi já no período de transição – no último 20 de novembro comemorado no Pagode antes da existência institucional do projeto.

O sonho de um espaço maior para o evento virou realidade em 2002, quando a Terça Negra veio para o Pátio de São Pedro. Mas conquistar aquele lugar não foi fácil. Primeiro, o espaço maior havia sido uma promessa de campanha eleitoral, cumprida na primeira gestão do governo do prefeito João Paulo. Brivaldo José, ou “Brivaldo de Xangô”, como se apelida, conhece bem essa história.

Apesar da rispidez com que recebeu a entrevista a princípio – “Esse povo de faculdade sempre vem aqui fazer perguntas e a gente não recebe nada em troca” – e metido num chapéu panamá, Brivaldo acabou falando. Reclamou muito, é verdade. Falou da falta de apoio da prefeitura, que só “colhe os louros”, do pouco espaço dos negros na sociedade, de problemas internos do MNU. Briguento, como bom filho de Xangô.

Homem ressentido, que acabou perdendo espaço dentro da organização do evento devido aos seus radicalismos, Brivaldo xingou à vontade. Depois, relaxou na entrevista e mostrou-se essencial no resgate do histórico do projeto. E até me convidou para “aparecer lá no MNU, qualquer dia desses”. Ele fala:

– Queriam nos empurrar o Pátio do Terço. Pela História, até poderia ser lá, mas não tem estrutura, não cabe o palco, não cabe o som.

– É mesmo. Na noite dos Tambores Silenciosos fica tudo muito apertado, concordo.

– Imagine então na Terça Negra, que acontece toda semana. Não ia dar certo. E o acesso é difícil. Este espaço daqui não, é central. Aqui é estratégico. Foi uma briga conseguir, desabafa, com um misto de revolta e de alívio.

O Pátio do Terço é onde, tradicionalmente, acontece a Noite dos Tambores Silenciosos, na segunda-feira de carnaval. A escolha desse local para o ritual da Noite dos Tambores Silenciosos não foi por acaso: no

passado, escravos eram vendidos lá e, ao morrerem, enterrados naquela terra. Os arredores da Igreja de Nossa Senhora do Terço serviam – e ainda hoje servem – de moradia para *yalorixás*, “tias do candomblé”. Uma delas, descendente de escravos, foi uma das criadoras da cerimônia, nos anos sessenta: Maria de Lourdes da Silva, a Badia.

Na Noite dos Tambores Silenciosos, maracatus seculares, de baque virado, fazem suas apresentações e recebem atenção e respeito da mídia, do governo, de um público mais genérico. Maracatu Leão Coroado, Nação Elefante, Estrela Brilhante, Cambinda Estrela, cada um representando uma nação africana. Rei, rainha, dama-de-honra, duque. A *calunga* é a boneca levada como instrumento religioso. As loas são tiradas pelo tocador. As toadas são lamentos do exílio e exclusão religiosa. *Eu vou para Luanda*. E: *A boneca é de cera e madeira*.

O Pátio do Terço fica estreito para as milhares de pessoas presentes. Para chegar ao palco, os grupos se espremem por dentro de uma espécie de passarela isolada do público por um cordão. Ali fazem suas evoluções, as fantasias pesadas a ponto de se rasgarem. Rufar de tambores. À meia-noite, as luzes se apagam e dez minutos de silêncio homenageiam os ancestrais e os *eguns* (espíritos). Alguns filhos-de-santo na platéia parecem receber espíritos durante a cerimônia. Depois, a celebração acaba. Até o ano seguinte.

Como os próprios organizadores da Terça Negra relatam, o grande problema vivido por esses grupos é que, excetuando-se o período do carnaval, eles são esquecidos. Voltam para Cidade Tabajara, para Águas Compridas ou Igarassu, às margens da sociedade e da política cultural. “A gente não queria isso. Que só se ouvisse música de negro no Carnaval”, enfatiza Brivaldo, a voz alterada para que se faça audível apesar do som que vem do palco.

A idéia original do projeto era de existir um local fixo para se fazer música negra – todas as semanas, independentemente da folia de Momo. Na programação, estava prevista sempre uma roda de capoeira para abrir a noite, um maracatu, um outro grupo de música negra e o afoxé para fechar. “Foi importante porque na época só havia dois afoxés no Recife – o Ilê de Egbá era um deles. Os outros todos eram de Olinda. A Terça serviu

para impulsionar a criação de mais afoxés. Hoje, 36 afoxés e 18 maracatus fazem parte da nossa agenda”, diz Almir.

A capoeira não “vingou”. Às sete da noite, quando a festa começava no Pátio de São Pedro, quase não havia gente para ver os jogadores gingando na roda. Então, os capoeiristas desistiram de participar. Das quatro bandas iniciais, agora são uma média de três por noite. Para Almir, o grande número de apresentações atrapalhava a organização de tudo. “Você vê, cada afoxé desses, são muitos componentes. Só para microfonar leva muito tempo”, explica. Com a mudança, o horário oficial da Terça Negra também mudou: oito da noite. Mas há atrasos. Pergunto se, devido a isso, muita gente deixa de ir. Almir me responde que é complicado porque é um dia de semana, as pessoas precisam acordar cedo no dia seguinte, mas que não houve decadência de público. O movimento no Pátio aumenta por volta das nove horas e as pessoas vão embora de acordo com a própria conveniência.

O MNU cede o transporte para buscar as bandas. Um único ônibus para percorrer os morros e subúrbios e trazer todos os componentes, fantasias, instrumentos, tudo. O motorista já conhece os roteiros. Quando, por um acaso, ele não pode vir e é substituído, novos atrasos acontecem: motoristas substitutos que se perdem nas vias estreitas dos endereços dos cocos e maracatus. Claro que alguns músicos preferem vir por conta própria. No dia em que um maracatu faltou por problemas nos instrumentos e teve de ser substituído por um grupo de *hip hop* iniciante, foi um fiasco. O grupo não conseguiu tocar, como relatado acima. O público, que havia começado a chegar para mais perto do palco vaiou e se afastou novamente. Naquela noite haveria um atraso de pelo menos uma hora e meia.

Além do transporte, um outro problema são os investimentos que os grupos fazem para chegar até a Terça Negra. A maioria é pobre, precisa arcar com gastos das roupas, manutenção dos instrumentos. Pagar ajuda de custo para as bandas que se apresentam não é uma constante, depende do repasse de verbas anual da prefeitura. As dificuldades são muitas. “A gente fecha a agenda com antecedência, mas imprevistos acontecem. Como hoje mesmo, esse problema do maracatu. Às vezes há problemas com os instrumentos, ou os componentes estão em período religioso de reclusão,

não podem sair. Aí repetimos grupos, tem grupos que tocam várias vezes no ano...”, justifica Almir, com sua fala mansa, pausada.

Sobre a origem do Projeto e as proporções que tomou hoje, Brivaldo complementa: “A intenção era criar um espaço alternativo, não só para negros, mas para todos que se sentissem desvalorizados. Você vê, tem um público eclético: as prostitutas da Rua da Palma, os menores abandonados, o pessoal de candomblé. Não tem discriminação nem com musicalidade, nem com sexualidade. É um espaço para todos. O sexo é teu, o corpo é teu”.

Mas por que Terça Negra? Não havia um motivo especial, segundo Demy. Podia ser qualquer dia da semana. “A gente queria que cada dia da semana fosse num lugar. Jaboatão na segunda, Cabo, na quarta, em Olinda a Quinta Negra, que até chegou a existir em 2003”, fala Brivaldo. “A Quinta Negra durou um mês e meio mais ou menos... não foi?” – ele se dirige a um rapazinho da mesa, que confirma. Ele segue: “Começou na Praça da Preguiça, mas, por causa das chuvas, foi para o Mercado Eufrásio Barbosa. Mas não deu certo, faltou apoio da prefeitura de Olinda”, reclama.

Na programação, maracatu, afoxé, *reggae*, coco, *samba-reggae*, *hip hop* e outros de matizes afro. Mas, se o projeto nasceu num pagode, por que esse gênero não é contemplado pela agenda? “Em agosto, vamos ter um especial só com samba de raiz, um pagode de verdade”, garante Demy.

De fato, no dia 1º de agosto, a Terça Negra tinha um clima especial. Uma roda de samba com Paulo Perdigão, Jorge Ribas, Selma do Samba, Júnior Black (da banda Negroove) e outros nomes que representam o gênero no Estado. Excetuando-se Júnior Black, todos estavam vestidos de branco da cabeça aos pés. Nos detalhes, uma boina, colares de contas, cordão de ouro no pescoço. O grupo estava sentado numa mesa, forrada com uma toalha também branca do Movimento dos Compositores de Samba de Pernambuco, flores e uma imagem de São Jorge ao centro.

Antes de começar o pagode, uma louvação a Ogum. Em seguida, um repertório “95% autoral”, como garantiu Jorge Ribas. Além dos sambas, versões para afoxés. Das composições próprias, versos engraçados, descontraídos: *Meu exu só bebe com adoçante*. Os sambistas se revezam no repertório. Entre um sambinha e outro, chamam os “pagodeiros” para

conferir as rodas de samba no Didi e também no Grêmio Recreativo Escola de Samba Preto Velho, todas as quartas-feiras, em Olinda.

No Dia do Samba, o Pátio estava confortável, com gente o bastante para não se acotovelar e prestigiar a roda de músicos à vontade e espaço suficiente para dançar. Na platéia, Canibal, vocalista da banda de *rock* Devotos, assiste ao *show*, sorrindo. A poucos metros, um oriental com roupas de monge budista não resiste e começa a sambar. A cantora e percussionista Isaar França aproxima-se dele e lhe entrega um panfleto, divulgando sua agenda de *shows*. Na semana seguinte, ela, que fez parte da banda feminina de música regional Comadre Florzinha e integrou o Projeto Aparelhagem, do DJ Dolores, é quem se apresentaria ali, divulgando seu CD solo.



DE BATUQUES E GOGÓ

*O negro na China continua negro. O negro na Inglaterra
continua negro. Mas a música ocidental mudou com a
diáspora africana (Amaury)*

Subir no palco da Terça Negra é uma conquista, um privilégio, um reconhecimento para muitos grupos. Tocar ali é uma realização. Hora de ascensão na carreira, de maior divulgação, ponto para colocar no currículo. Um convite para subir ao palco do Pátio de São Pedro é motivo para comemorar no bairro, avisar à família, registrar com fotos.

“Se a gente sentar para avaliar, o movimento tá totalmente diferente da idéia original. Hoje, qualquer pai-de-santo quer fazer um afoxé. Qualquer um pega uma viola e quer subir ao palco para fazer um *reggae*”, analisa Manuel, sem se lamuriar.

Brivaldo, sempre do contra, acha que o *hip hop* não deveria estar presente na programação. Sim, ele sabe que *rap* é feito por pretos, mas acha que a Rua da Moeda deveria ser o espaço para esse tipo de música. “É assim que deveria ser”, insiste. Manuel concorda que, no começo, havia uma certa resistência do MNU em relação aos grupos de *hip hop*: “Até não concordamos com a ideologia de alguns grupos, com as críticas, etc., mas não podia ser diferente porque era o dialeto deles”.

Do lado de fora dos palcos, o próprio público também não aceita todas as atrações da Terça. São públicos distintos, do *hip hop*, do *reggae*. O primeiro é de pessoas sérias, a maioria de homens, *b-boys* de bonés e roupas pretas. O segundo é um público fiel, seguidor dos *shows* de *reggae* no Recife: boinas de croché nas cores da bandeira jamaicana – vermelha, verde, amarela. Quando há *show* de *reggae* ou de *hip hop*, o público muda, fica mais segmentado. Mas uma coisa é quase unanimidade ali no Pátio de São Pedro: uma certa rejeição ao samba-*reggae*, resistência percebida pela própria organização do evento. “A culpa maior é das próprias bandas, que beberam na fonte dos grupos baianos dos anos oitenta, como o Olodum. O preconceito é maior por causa dessa influência baiana”, acredita Demy, ressaltando o preconceito recifense em relação à “baianidade nagô”. E justifica: “Na verdade, acredito que São Luís é a capital mais negra do Brasil, mas a Bahia leva a fama”.

Demy lembra ainda que alguns roqueiros tentam se inserir na programação da Terça Negra, justamente pela projeção que o evento proporciona. “Apesar de vir do *blues*, que é um lamento negro, o *heavy metal* em si não é música de negro. Por isso não entra no palco”, justifica.

Pode não subir até o palco, mas marca presença no evento, como o roqueiro Canibal, na noite dedicada ao samba. O Alto José do Pinho, Zona Norte do Recife, que reúne uma interessante cena musical local, sobe ao palco com grupos como o Ilê de Egbá, que faz uma apresentação praticamente toda no dialeto africano *yorubá*, indecifrável para os não-iniciados nos segredos do candomblé e da música deles.

Negro e morador do Alto José do Pinho, Aílton, o “Peste”, é baterista da banda de *punk rock* Matalanamão e responsável por algumas das letras mais eschachadas do grupo, como *Amorzinho*, *Os Peitinhos* e *Quem é o Pai?*. A banda já tocou no Pátio de São Pedro, mas nunca na Terça Negra. No entanto, do lado de fora do palco, Peste tem uma opinião formada a respeito do projeto: “Poderia ser um evento bem melhor... mais valorizado, mais unificado, já que o Pátio de São Pedro é tão legal, principalmente pelo fato de ser centralizado para as pessoas... exemplo da nossa comunidade, que fica a 30 minutos da cidade, é o morro mais próximo. O pátio deveria merecer uma atenção a mais, não só em épocas de festividades, mas todo o tempo, afinal é o nosso cartão postal”.

Som de preto, de favelado, mas quando toca, ninguém fica parado. O verso do *funk* carioca que ultrapassou as barreiras regionais representa a música de morro, feita pela periferia. Pergunto a Demy por que esse ritmo *suíngado* não tem espaço na Terça Negra. Ele concorda que o *funk* é uma música feita por negros em favelas, mas justifica a ausência do *funk* argumentando a exploração sexual e a desvalorização das mulheres nas letras. “É o mesmo caso do pagode, com letras ofensivas, de mau gosto. E aí vem a diferença entre o pagode e o samba de raiz”, fala.

No meio da conversa, Demy chama uma outra pessoa para juntar-se a nós. Amaury, apresentador da Terça, é funcionário da prefeitura; afinal, o contrato prevê que o evento seja apresentado por duas pessoas: uma representando a PCR e a outra, o MNU. Parecido fisicamente com o cantor de samba Jorge Aragão (óculos, barba, porte), a diferença é que o apresentador usa *dreadlocks* compridos até a cintura. No meio da conversa sobre o *funk*, ele nos interrompe: “Eu sou mais aberto em relação a isso. Eu até aceito mais o *funk*, feito por negro, na periferia, que o brega. Porque o *funk* tem a herança de James Brown, o gingado. O brega não, é aquela

mesma batida, apesar de também ser feito pela periferia”.

Na seqüência, falamos sobre o *funk* pernambucano, que está mais para os “proibições” cariocas do que as letras escrachadas e apelativas encontradas no mesmo Rio de Janeiro. Entre *funk*, brega e pagode, a conversa despenca na questão do conteúdo das letras, da música como libertação ou como alienação. Amaury lembra da era de ouro do rádio quando, apesar de haver uma repressão ao samba, alguns intérpretes ousavam ao gravarem letras que faziam, inclusive, referência ao candomblé – motivo ainda maior de discriminação. Ele lembra de Orlando Silva, nos anos cinquenta. E cantarola, tamborilando com os dedos na mesa, a música *Despacho*, interpretada por aquele cantor e composta por Ary Barroso em 1943:

*Eu vou fazer um despacho
Pra arranjar outro amô, amô, amô
Quem te arrasta é capacho
Mas eu não sou não sinhô, sinhô, sinhô
Meu coração tá por baixo
E quer reflorir com as flô, ô, ô, ô*

“O negro na China continua negro. O negro na Inglaterra continua negro. Mas a música ocidental mudou com a diáspora africana”, fala Amaury, com a consciência de quem sabe que a matiz da música negra está em tudo: do lamento do *blues* dos escravos norte-americanos, no elemento sensual do *jazz* dos Estados Unidos. No Brasil, está presente nos primeiros batuques que deram origem ao samba e misturaram-se aos metais para tornar-se chorinho, “música de sala”, enquanto o primo pobre ficava nos terreiros, nos quintais.

Depois da discriminação e posterior ascensão do samba nos anos cinquenta, a música negra brasileira voltou a ter grande destaque nos anos setenta: tempos de baile *black* – música, estilo e atitude. Almir lembra bem dessa época. Faziam sucesso Tôni Tornado, Banda *Black* Rio, Marciano, Banda Brilho, esta última já no final da década. Todas com uma proposta de unir *black music* e R&B (*rhythm and blues*).

Na evolução da música negra no Estado, Almir recorda as festas

dos anos oitenta, no antigo Clube dos Tecelões, na Avenida Manoel Borba, onde hoje funciona um estacionamento. Ali acontecia a *Noite do Cabelo Pixaim* e a *Festa da Beleza Negra*, bailes *black*. Já Brivaldo lembra da *Frente Zumbi*, dos anos noventa, que realizou algumas edições musicais em frente à Igreja de Nossa Senhora do Carmo, no Pátio do Carmo, no Recife.

“As referências eram americanas, mas com sentimento brasileiro”, conta Almir, “Era difícil porque como se reconhecer negro no País se não há heróis negros? Aquele parque no Centro não devia se chamar Treze de Maio (*Dia da Abolição da Escravatura*) e sim Vinte de Novembro (*Dia da Consciência Negra*), porque Treze de Maio não é Dia de Negro. Agora a gente tem que recontar a História do Brasil”.

Para Almir, a história da música negra brasileira e a História do Brasil estão intrinsecamente ligadas. Ele lembra diversos problemas enfrentados pela raça desde fins da escravidão: a falta de políticas públicas ou afirmativas após a abolição, a tentativa de “branqueamento” do País, com incentivo à chegada de imigrantes, para impedir que negros tivessem acesso a terras. Segundo ele, a música apresentada nos dias de hoje naquele palco do Pátio de São Pedro tem esse discurso inserido na temática dos grupos, na poesia das letras. Como no verso que diz que *Treze de Maio não é Dia de Negro*, do Raízes do Quilombo.

Raízes de Quilombo

“Queria agradecer a presença de vocês..., à organização da Terça Negra, pelo espaço. Aos amigos da Itália, que estão aqui acompanhando a gente hoje, aqui. Este é o Raízes de Quilombo”. Microfone na mão, pés descalços no palco. No corpo, um vestido solto, claro. É assim que Ceça dos Prazeres apresenta a banda ao público, logo após a primeira música ter ecoado no espaço aberto, ao ar livre.

Não é a primeira vez que vejo o Raízes de Quilombo na Terça Negra. Do primeiro *show* do Raízes de Quilombo, a que assisti ali mesmo no Pátio de São Pedro, em 2004, algumas lembranças me marcaram: a alegria juvenil do som feito por adolescentes, o batuque afro, meio samba-*reggae*, o caráter irônico e contestador do repertório autoral e das adaptações.

No palco, a música de Lula Queiroga recebia novo sentido com a introdução das bases percussivas do Raízes. A letra contava mais ou menos a história de um cidadão que volta para casa, cansado, após mais um dia de trabalho e se depara com um assalto a um ônibus. Mas o assaltante é conhecido dele, parente da vizinha. O protagonista relata que o garoto está colocando a própria vida em risco por um simples relógio barato. O público mexia o corpo todo, numa dança consciente. No vocal, Lucas dos Prazeres, jovem filho de Ceça, músico que já participou de bandas da cena local e nacional, como o Cordel do Fogo Encantado.

As relações entre o Raízes de Quilombo e a Terça Negra vão muito além do que a participação do grupo nos palcos. O Centro Maria da Conceição, onde o grupo surgiu, há vinte anos, serve nos dias de hoje como mediação entre Prefeitura do Recife e Movimento Negro Unificado na gerência de recursos. Mas a parceria tampouco é um privilégio concedido a qualquer um. Como disse antes, o Raízes faz parte do projeto desde idos tempos. Desde a época do Pagode do Didi que, aliás, não faz tanto tempo assim.

Ao lado do afoxé Alafin Oyó e do grupo de samba-*reggae* Obá Nydge, o Raízes se apresentava no espaço improvisado entre as mesas do Pagode, como já foi relatado. Mas antes, muito antes, havia a escola.

No Centro Maria da Conceição, no Morro da santa católica do dia 8 de dezembro, fica localizada a sede do grupo afro. O Centro também abriga um trabalho social realizado naquela comunidade da Zona Norte do Recife. Ali, numa casa muito simples que, quando conheci, estava pintada de azul (coincidentemente, também uma das cores da Nossa Senhora), funciona uma pequena escola, com direito a desenhos coloridos na parede e outros motivos infantis. No espaço, os professores praticam educação popular para crianças pequenas, com noções de cidadania e, claro, muita música.

Um jeito de aprender diferente, trazendo as referências sonoras para dentro da sala de aula. Numa sala dos fundos, perto da cozinha onde é preparada a merenda, um professor trabalha ritmos com pequenos em idade maternal: crianças de dois, três anos de idade. No som da caixa, a música deles: Raízes de Quilombo, num CD demo.

No Centro também funciona uma organização não governamental que desenvolve um trabalho de resgate, valorização e disseminação dos valores da cultura negra e regional. Os italianos, aos quais Ceça se referia no *show*, aliás, eram representantes de uma parceria entre uma organização européia e o Centro de Formação do Educador Popular Maria da Conceição (sim, esse é o nome oficial do Centro Maria da Conceição). Estavam na Terça para conhecer o grupo, tirar fotos, entender um pouco mais essa mistura de música e atitude. Porque, basicamente, é essa mistura que está presente no Raízes, o que define sua originalidade.

Quando voltei ao Centro Maria da Conceição, dois anos depois, tudo estava do mesmo jeito. A frente da casa rebaixada, o portãozinho de ferro, a parede do muro muito azul, cor do céu. Nenhuma placa sequer, indicando que ali funciona uma escola. Uma senhora de cabelos brancos bem curtinhos com uma sacola plástica na mão abre o portão: “Oi, bom-dia! As aulas começam hoje?” Uma professora simpática, de saia amarela e marrom, responde que sim. Reconheço no rosto da professora uma das componentes do Grupo Raízes de Quilombo, Adriana. Lembro dela de lenço enrolado na cabeça, roupas brancas, fazendo *backing* vocal em algumas músicas: *Éeee, Raízes, Óooo, Quilombo*.

Na escolinha estudam 150 crianças de um ano e meio até 10 anos, muitas delas filhas de empregadas domésticas que não têm com quem deixar os pequenos para irem ao trabalho. Doze morros da Zona Norte são atendidos pela escola: do Alto do Eucalipto ao Alto José do Pinho. Ceça explica que a vivência escolar, ali, não é separada do cotidiano das crianças e, principalmente, da cultura negra. Das raízes. Nas aulas de alfabetização, por exemplo, a criança aprende uma nova palavra – “maracatu”, por exemplo – e todo o contexto simbólico que está por trás dela. Além da educação formal, as turmas recebem oficinas de música, teatro, canto e artes plásticas, contextualizando teoria e prática, segundo a coordenadora.

“Temos o abre-roda onde, no final de cada semana, cantamos canções relacionadas ao tema do mês. E, no final do mês, fazemos uma grande festa, onde cada grupo apresenta o que organizou em relação ao tema: uma peça, um *show*”, explica Ceça.

Foi numa dessas festas semanais, aliás, que surgiu o Raízes de

Quilombo. Ceça conta: “O Raízes surgiu nesses espaços das sextas-feiras. Além dos alunos da escolinha, alguns meninos do morro que não estudavam aqui queriam participar. Eles queriam fazer música, música deles. Qual a referência do Morro? A Escola de Samba Galeria do Ritmo. Então eles queriam fazer samba, mas lá na escola de samba não tinha um trabalho com crianças. Então vieram para cá. Do samba, chegamos ao samba-reggae e daí a um trabalho diferenciado na base da percussão, fundindo ritmos”.

Junto com a Gigantes do Samba, do bairro da Bomba do Hemetério, a Galeria do Ritmo, do Morro da Conceição, é uma das mais tradicionais e mais conhecidas escolas de samba de Pernambuco. No carnaval do Recife de 2006, a escola foi campeã do desfile de escolas de samba da Avenida Dantas Barreto, pelo sétimo ano consecutivo. Assim, a escola vitoriosa sempre foi referência para a comunidade. Principalmente, para as crianças da localidade. Uma referência para além da pobreza, da violência, da falta de recursos comuns à vida no morro – em qualquer morro. No Morro da Conceição, a Galeria do Ritmo foi um dos primeiros exemplos da efervescência cultural da periferia, mesmo sendo esse um espaço muitas vezes restrito ao momento do carnaval.

Ceça dos Prazeres é uma mulher de muitas revelações. Seu nome de batismo, Maria da Conceição, é o mesmo do Morro onde vive e do centro que criou nos anos oitenta. De porte altivo, voz firme, olhar penetrante, é daquelas pessoas que parecem saber exatamente o que querem da vida. Uma rainha africana. Fora dos palcos, pode aparentar ser um tanto desconfiada, a princípio. Dentro da escola, é mais uma professora, às voltas com a organização de cadernetas e material escolar.

A professora e vocalista do Raízes de Quilombo fala em fusão de ritmos. Um misto de afoxé, samba e maracatu feito em batusques de material reciclável e latas, com letras sociais. “A banda já nasceu com esse espírito guerreiro, levantando o pavilhão de diversos grupos sociais que se distribuíram pelos morros de Casa Amarela, formando verdadeiros quilombos urbanos que resguardam marcas e princípios étnicos do viver cultural de nossa ancestralidade”, define o grupo. Hoje, filhos daqueles primeiros jovens já batucam, meio na brincadeira, e participam dos *shows*.



Grupo Afro Raízes de Quilombo na Terça Negra

Preta que te quero preta, não de cabelo alisado, alerta o verso de uma das composições deles. De fato, o cabelo enrolado predomina ali, nos integrantes da banda, em cima do palco: tranças, cachos, penteados afro. No entanto, nem sempre foi assim. Uma fonte me revela que a própria Ceça, líder do grupo, já aderiu à moda dos cabelos escovados. Mas isso foi há muito tempo, nos idos anos sessenta, quando a escova era moda e a “consciência e a liberdade”, como diz uma das outras letras do Raízes, não era muita.

Alafin Oyó

Pelas bênçãos de Oxalá, Alafin eu sou!

Encontro Fabiano Santos encostado na parede ao lado do Axé de Fala, conforme combinado. Subimos para o primeiro andar do *Skina Bar*, no Pátio de São Pedro, para falar sobre as histórias da Terça Negra. O encontro tinha sido marcado ali no próprio evento porque, segundo ele, “é sempre bom ver como um filho está crescendo”. De casaco de couro, ele cumprimenta conhecidos, pede uma coca-cola bem gelada e começa a conversar.

No horário comercial, Fabiano trabalha como motoqueiro de um banco porque, segundo ele, “no Brasil ninguém vive só de cultura”. Quando sai do trabalho, porém, suas preocupações são outras: família, filha pequena, contas a pagar, aulas de karatê na comunidade e a organização do primeiro afoxé a tocar na Terça Negra, fundado oficialmente em março de 1986: o Afoxé Alafin Oyó. *Alafin* significa guerreiro, rei. Por isso, o vermelho e branco de Xangô – pela lenda, o orixá teria sido o terceiro *alafin oyó* – representa resistência e luta pela valorização da cultura negra pernambucana, segundo os próprios integrantes do afoxé.

E não são poucos. De acordo com os cálculos de Fabiano, atualmente são 40 componentes apenas para manter a estrutura dos *shows*, entre produtores, músicos, apoio técnico e costureiros das roupas. “Apenas no carnaval deste ano, desfilaram 150 pessoas, incluindo as crianças”, revela.

O afoxé traz o *ijexá* como base e utiliza instrumentos de percussão

típicos do candomblé, como atabaques, abês e agogôs. O ritmo une o profano e o religioso, reverenciando os deuses africanos com cânticos baseados nas louvações religiosas. Por outro lado, há um trabalho educativo por trás das letras, muitas com trechos em dialeto *yorubá*: elas ensinam lendas dos orixás e repassam costumes das nações africanas de geração em geração, relatando a trajetória do povo negro.

Eu vim da África
Eu sou nagô
Sou de origem negra
Sou filho de Alafin Oyó

Fabiano explica que o afoxé surge da necessidade de estimular a discussão entre as religiões, educar, buscar a pluralidade. “É uma música ligada à forma de vida da religião de matiz africana, que trabalha o indivíduo do nascimento à morte do ser. É a reafirmação de onde se veio e da cor. Também é uma música de protesto, que busca a igualdade”, explica ele.

O Alafin Oyó começou em 1983, mas só três anos depois que se concretizou com a primeira formação, que incluía Lepê Correia, Jorge Moraes, entre outros nomes. O Alafin não era só música. Trabalhava com as comunidades dos arredores de Olinda: Favelas do V8 e do V9, Amaro Branco, Ilha do Maruim, áreas do “cinturão de miséria”, como definiu Fabiano. “Havia um trabalho de educação com os associados e de solicitação de políticas públicas junto à prefeitura. Já as crianças das comunidades participavam da ala de cortejo do afoxé”, explica.

O Alafin Oyó tentou fundar sua primeira sede em 1989, mas não deu certo, devido a divergências internas. Atualmente, a sede funciona em regime de comodato na Avenida Joaquim Nabuco, bairro do Varadouro, em Olinda. O número 457 é o endereço de um antigo depósito de refrigerantes e o mesmo prédio serve para realização de atividades do grupo (confecção de instrumentos e de roupas, ensaios) e para depósito de materiais de carnaval da prefeitura de Olinda – bonecos gigantes, máquinas. O espaço é compartilhado até por ratos. “Escroto”, considera Fabiano.

Desde 2004, a sede do grupo é ponto de cultura do Ministério da Cultura do Governo Federal e tenta manter uma agenda de atividades

de domingo a domingo. Atualmente, o Alafin desenvolve um trabalho de resgate cultural em parceria com o grupo afro Ayê, da Bahia: o projeto Cantando História, que fala “de preto para preto”. Mas Fabiano rejeita o racismo: “o branco precisa saber que também faz parte dessa história do negro”.

Além do trabalho social constante realizado pelo Alafin, havia desde o começo a música – evidentemente. Durante todo o ano, ocorriam os ensaios e a escolha dos temas das músicas para o desfile do carnaval. De 1989 até 1992, o Alafin promovia festivais aos domingos, no Clube Atlântico, de Olinda. Na época, eram 1.589 associados, “com carteirinha e tudo”. O espaço lotava. Nem todo mundo que queria entrar conseguia. As pessoas faziam fila do lado de fora e, para entrar, a organização do evento selecionava alguns *privilegiados*. “Não discriminamos ninguém, mas claro que o negro tinha prioridade, afinal, era um festival de afirmação da raça”, explica Fabiano. “Nos festivais, a gente jogava um tema, por exemplo, *Rainha Matamba*. Daí saiu uma das composições mais conhecidas do grupo”:

*Aprendi com a Matamba a jogar capoeira
e viver candomblé
Ser original
Tocar berimbau
E dançar afoxé
Meu povo não nasceu para senzala
Sou filho de Alafin Oyó Xangô
A liberdade é meu axé de fala
Kaô
Kaô Kabêsilé kaô*

“Através da música, você começa a compreender sua história. Por exemplo: Oyó. Oyó é a capital yorubá. Muitos dos associados não sabiam, não tinham nem o primeiro grau, mas saíam pesquisando. Era um paralelo da educação tradicional. Nas escolas, o cotidiano era com aulas deturpadas que não tinham nada a ver com a gente. A gente falava de heroínas africanas: Rainha Matamba, Negra Dandara, Anastácia. Essa era uma forma de *empoderar* o negro”, afirma Fabiano.

Ele conta que os festivais do Clube Atlântico eram de auto-

afirmação de uma raça “humilhada, detonada”. O negro precisava parar de sofrer: “Tinha um tempo do pente de ferro, da banha Zezé, para alisar o cabelo. Você chegou a passar por isso? Hoje o negro faz suas tranças, deixa o *black* crescer, faz o *dread*”. É o estilo como forma de libertação. *Liberdade como axé de fala*.

Fabiano faz referência à Terça Negra como se fosse um filho, afinal, esteve presente no início de tudo. Para ele, a história da Terça Negra começou muito antes do Pagode do Didi. Ela está presente no surgimento das bandas, nas festas de consciência racial, era uma idéia adormecida nas festas dos bairros. Ele conta que, de fato, o público aumentou bastante depois que o evento passou a acontecer no Pátio de São Pedro. Para Fabiano, o local passou a ser referência do povo negro no Estado, mas hoje, com bem menos informação.

“É o público de comunidade carente, mas é um público alienado ainda. A imprensa não contribui em nada, ‘detona’, como Cardinot, que só fala do tráfico, que na verdade sempre existiu no bairro de São José”. Fabiano mostra ainda que há um outro perfil do frequentador da Terça, os modistas: “Vir na Terça Negra e contar no outro dia na escola, no trabalho, é o auge. Mas essas pessoas não estão interagindo com as raízes. Coisa babaca que é reproduzida pela cultura de massa... E você, o que acha da Terça Negra?”, ele devolve, invertendo os papéis.

Favela Reggae

Tocar numa banda e apresentar a Terça Negra são duas grandes paixões na vida de Ademir, o Demy. Há quinze anos, ele é vocalista da Banda Favela Reggae, primeiro grupo do gênero a tocar no evento do Pátio de São Pedro. Ele também foi um dos fundadores da banda, nascida no início dos anos noventa, aliás, 1991, para ser mais exata. A primeira vez que a Favela Reggae subiu no palco da Terça Negra foi em 2002. De lá para cá, foram seis apresentações. Todas com grande presença de apreciadores do gênero, afinal, segundo dizem, público de *reggae* é público fiel, seguidor das bandas.



Crianças do Raízes de Quilombo

“O público do *reggae* é diferente mesmo: junte o público do afoxé com o do *rock*, do samba, da capoeira, do *hip-hop*, e você tem uma idéia do que é esse público. O clima é de muita paz, vibração e energia positiva”, define Demy.

O *reggae* é uma mistura de vários estilos musicais: música folclórica da Jamaica, ritmos africanos e caribenhos, como o *ska* e o *calipso*. A guitarra, o contrabaixo e a bateria são os instrumentos musicais de maior destaque no ritmo, que é suave, com batidas características. O ritmo recebeu, em suas origens, uma forte influência do movimento rastafári, que fala que os negros devem ascender através do engajamento político e espiritual.

Sintonizada com os problemas do Recife, a banda Favela *Reggae* surgiu a partir de um grupo de amigos do bairro de Areias que costumava acampar nas praias do litoral sul. Vestido na sua calça *jeans* e com cabelo pouco encaracolado no alto da cabeça, Demy conta que os amigos se reuniam para acampar, relaxar, trocar idéias. Herança jamaicana da filosofia rastafári de louvar *Jah* – o Deus – com música, elevando o espírito. E reverenciando Bob Marley:

*Don't worry about a thing,
'Cause every little thing is gonna be all right.*

O próprio nome da banda já revela as intenções de falar da música dos guetos, de denunciar todo tipo de preconceito e discriminação em suas músicas. O *reggae* da banda mistura o *roots* (a música de raiz) com guitarras pesadas e *black music* e, do primeiro CD, emplacou dois sucessos: *Mama sou Rastafári* e *Dólar de Favela*. Hoje, a banda é composta por dez integrantes: Demy(vocal), Jairo Neto(solo de guitarra), Ivo(base de guitarra), Georgios(baixo), Paulo Melo(bateria), Jorge Krone(teclados), Karina Rodrigues(vocal), Glória Regina (backing vocal) e Ibernou (percussão).

“Quando tem *reggae*, fica um clima diferente”, ressalta Demy, “na última Terça Negra fechamos com o *reggae* do grupo Aboleto e o pessoal ficou até meia-noite dançando *reggae*”. O ritmo que surgiu na Jamaica recebe homenagem especial no evento todo mês de maio, durante o Tributo a Bob Marley. No mês de aniversário da morte do principal ídolo

do gênero, falecido há 25 anos, todas as semanas há espaço para o *reggae* no horário nobre da Terça Negra. O público fiel agradece.

Bongar

Bongar é uma palavra de origem banto e significa “a busca pelo conhecimento espiritual”. Também é o nome de uma banda de seis jovens surgida nesta década, que trabalha o tradicional coco da Nação Xambá numa releitura própria. Os integrantes da banda são todos parentes, irmãos e primos: Guitinho, Nino, Memé, Iran, Leila e Mamão. Todos moradores do bairro de São Benedito em Olinda, numa comunidade conhecida como Portão de Gelo, chamada assim por ter existido ali uma fábrica de gelo, há muitos anos. No Portão de Gelo fica a casa de seus familiares e também o Terreiro de Santa Bárbara (a guerreira Oyá ou Yansã, no candomblé, primeira esposa de Xangô), único da Nação Xambá que sobrevive no Estado, já que a maioria das casas desse culto se fundiu com as da Nação Nagô, perdendo suas características originais.

Da fuga africana, da região entre Nigéria e Camarões, até a fundação do terreiro em Olinda, passando por repressão, fechamento e renovação, os filhos da Nação Xambá já somam mais de 80 anos em Pernambuco. Ali, no Portão de Gelo, a vivência da casa é preservada, mas sem perder de vista a atualidade: do museu, que resgata um pouco da história do Xambá, à música, que vai do tradicional coco de São Pedro ao grupo Bongar, o Terreiro de Santa Bárbara se abre para o resgate cultural. Além das atividades religiosas, o terreiro traz um memorial – o primeiro dedicado exclusivamente ao candomblé no Estado – com museu e biblioteca com o histórico das tradições da casa, registros fotográficos dos primeiros filhos da Nação no Brasil, peças tradicionais do candomblé, entre outros, e também realiza um trabalho com ervas medicinais.

Além dos toques de candomblé, o terreiro se abre para o público externo e para a vizinhança nas festas específicas: distribuição de doces para crianças no Dia de São Cosme e Damião, por exemplo, e, principalmente, no Coco do Xambá, festa realizada todo 29 de junho, Dia de São Pedro para os católicos. A festa do coco começou a acontecer há 41 anos, para

comemorar o aniversário de Mãe Biu, matriarca da família e segunda yalorixá da casa, filha de Oyá. Quando viva, Severina Paraíso, a Mãe Biu, sentava-se no trono desse orixá, de acordo com a hierarquia religiosa.

Todos os anos, mesmo após a sua morte, a yalorixá continua sendo homenageada na tradicional festa da casa. Na parede do terreiro, ao lado da escada que dá acesso ao memorial, que fica no primeiro andar, uma foto ampliada dela, sentada no trono, vestida de cor-de-rosa. Ao redor da foto, lâmpadas coloridas piscando e uma faixa em sua homenagem. Alguns filhos da casa usam camisetas com fotos de Mãe Biu e a inscrição: *Mãe Biu, que saudade!*

Conheci o Terreiro de Santa Bárbara em 2004, a partir do Bongar, na festa de São Pedro. De longe, já se podem ouvir os batuques, que indicam a direção exata da casa. Desde as 11h da manhã já há gente tocando e um público, tímido, sentado, chegando, aproximando-se da roda de coco. O movimento aumenta com o passar do dia. Entre o final da manhã e o começo da tarde, a roda de coco já está mais animada: mulheres de saias rodadas, limpando o suor com lenço vermelho, senhoras mais velhas, no meio da roda formada no salão, saias rodando, esvoaçantes, mães muito jovens com crianças pequenas, menininhas de vestidos floridos, homens tirando pares para dançar no meio da roda, um se cansa, sai e convida outro que tira som de seu tamanco.

A resposta do coco é cantada pelos que dançam, acompanhando a música com palmas e matracas. Nos microfones e no batuque dos instrumentos – matraca, alfaia, pandeiro – apenas homens. Jovens e velhos, revezando-se nos vocais. *Ihbb coco!* Por volta das 13h, o coco pára e é servido o almoço, “por conta da casa”, para todos os frequentadores: galinha ensopada, arroz, feijão mulatinho, farinha, charque e batida de frutas. As crianças têm prioridade: são as primeiras da fila. Depois, a festa continua até as oito da noite. Além da comunidade, gente de fora da casa: músicos, fotógrafos, pesquisadores.

Foi na base dessa casa que o Bongar se formou e, hoje, excursiona para diversas partes do País – São Paulo, Goiás, Brasília, Piauí, Espírito Santo, Rio de Janeiro – realizando *shows*, aulas-espetáculo, oficinas de percussão e história da Nação Xambá. Mas o próprio grupo reconhece

que obteve projeção e visibilidade ao subir nos palcos da Terça Negra.

“Na Terça Negra foi a primeira vez que entramos em contato com um público grande, com o palco, com a importância do evento e do público. Acho que a primeira vez que tocamos lá foi em 2003”, afirma Guitinho, líder do Bongar. Articulado, Guitinho faz hoje o curso de Sociologia e acrescenta que apresentar-se na Terça Negra atualmente fica praticamente inviável, devido aos altos custos com os quais a própria banda tem de arcar – afinal, apenas o transporte é cedido. Mesmo assim, o grupo continua se apresentando no espaço – não muito frequentemente – e pensa em lançar seu CD naquele palco.

“Muita gente que está ali não sabe aproveitar o espaço. Falo dos grupos novos e dos afoxés antigos também, que não sabem aproveitar. Foi uma escola para muita gente. Agora a gente pega essa história e transforma”, definiu o músico.



**GUARDAR A BOLSA E
FAZER A CABEÇA**

*Meu filho me diz: Você é louca?
Ir para a Terça Negra? (Linda)*

No acesso ao Pátio de São Pedro, do lado de quem vem da Avenida Dantas Barreto, há um estacionamento. Na hora em que começa o evento, há ainda alguns flanelinhas por ali, mas poucos são os carros estacionados no local. A maioria dos trabalhadores do Centro larga cedo, por volta das cinco, seis horas da tarde.

Do lado do muro do estacionamento, há um beco escuro, que também serve para guardar carros. Ali, um forte odor de urina está impregnado nas paredes e na calçada. São apenas oito horas da noite. Mais tarde, o espaço serve de abrigo para moradores de rua. E para outras coisas mais.

Na calçada, seguindo para o Pátio, barraquinhas de espeto de carne e queijo assado. Muita fumaça e gente sentada numas mesas de metal vermelho. Carrinhos de CD dão o som ambiente: tecnobrega, Banda Calypso e sucessos do momento. Dobrando à esquerda, o primeiro sinal de que estamos chegando: um par de policiais na entrada do Pátio. O motivo: garantir a segurança dos frequentadores, evitando “baculejos” como os que aconteciam há algum tempo, com os mais feios e mais pobres revistados em busca de armas e drogas.

Para os desavisados, a presença dos PMs atualmente na entrada do Pátio pode representar um susto. Poderia ter acontecido alguma briga ou um assalto. Para os que já estão acostumados, uma sensação de alívio. Os policiais militares estão aí para coibir os assaltos e furtos que, há uns dois anos, faziam parte da cultura da Terça Negra. O mais comum de acontecer eram os furtos. Abrir uma bolsa, levar um celular, a carteira. Ou furto de relógio de algum distraído, embalado pelo som do maracatu.

Havia também outras técnicas. No caso dos estudantes, que costumam colocar as mochilas no chão e fazer uma roda para protegê-las, o golpe era sempre o mesmo. Alguém se enganchava na alça da bolsa, fingia tropeçar. Quando parecia estar tentando se desvencilhar da mochila, corria, levando a mesma no pé. O grupo de vítimas, às vezes, corria, na tentativa de alcançar o ladrão e recuperar o objeto roubado.

Outra alternativa de furto aplicada era realizada de mulher para mulher. Não era feito por uma mulher específica. Mas por mulheres diferentes, dependendo da ocasião. No “vucu-vucu” do público, a

usurpadora se aproximava da vítima, disfarçadamente, com um objeto cortante na mão. Quando menos se esperava, torava a alça da bolsinha, levando consigo todo o conteúdo.

No geral, a pedida era sempre ficar de olho em qualquer movimento estranho. A regra vale ainda para os frequentadores de hoje. Segurar a bolsa, levar poucos pertences. Até onde se sabe, não há registros de assaltos à mão armada na Terça Negra. Mas muitos deixaram de frequentar o espaço com medo da violência ou porque foram furtadas. Outros saem mais cedo, antes de terminar os *shows*, temendo assaltos.

“Fico sempre com medo na hora de voltar para casa. Eu amo a Terça Negra, porém tem muitas ‘almas sebosas’”, explica Joana, uma das garotas que costuma ir ao evento.

“Lembro o dia em que a polícia militar deu uma batida geral, tipo pente fino, e levou dois ônibus lotados de presos. É, foi o trabalho mais bem feito da PM. Afastando as ‘almas sebosas’”, diz Demy.

As “almas sebosas”, ou os “malas”, como também são chamados aqui em Pernambuco, fazem parte do cotidiano da Terça Negra. Vão ali para, no meio da multidão, praticar pequenos roubos e passarem despercebidos. São as marcas da violência que atingem o Pátio de São Pedro.

Mas as batidas policiais de “surpresa” citadas por Demy são mais difíceis de acontecer na atual fase, depois que a dupla de policiais militares passou a marcar presença em todas as edições do evento. A última vez que vi um “baculejo” na entrada do Pátio foi em setembro de 2005: jovens encostados na parede, pernas afastadas, uns cinco policiais revistando e liberando, enquanto o primeiro *show* já rolava no Pátio.

A presença dos PMs, no entanto, é vista com hostilidade por alguns. “Essa iluminação toda, essa repressão da polícia, você só vê aqui na Terça Negra. No Sábado Mangue é diferente, os *boyzinhos* ficam à vontade para fumar maconha”, denuncia Brivaldo, citando outro evento semanal que acontece no Pátio. “Pior não são nem os PMs, são os policiais da Rocam, que passam de moto, devastando tudo”, complementa um dos agregados da nossa mesa de conversa.

De fato, nem todos estão ali apenas para curtir *shows*. No Beco do *Reggae*, ao lado da Igreja de São Pedro, uma voz gasguita e feminina

anuncia: “Óia a massa! Óia a massa!”. A mulher, magrinha, aparentando fragilidade, negocia a droga a partir de R\$ 2. A “massa” é a maconha, vendida já enrolada em cigarros de papel seda, os chamados “baseados”.

O público do Beco do *Reggae* não se senta nos bares, não assiste aos *shows* perto do palco, não dança, nem descansa encostado nas grades da frente da Igreja, como fazem alguns *hippies* que vendem artesanato e boa parte dos estudantes, à espera da turma. Vão ali para comprar. E fumar “uma”.

“Para você que vem com o filho, sobrinho e amigos de fora, algo se perdeu”. O relato é de Linda, uma mulher negra “na faixa dos trinta e poucos anos”, como se autodefiniu. Sentada a uma mesa com um casal de amigos, cinco garrafas de cerveja vazias sobre a mesa, ela petisca um frango à passarinha, enquanto conversa.

Linda está bem-vestida, com um *blazer* preto, o cabelo trançado e preso à nuca. Tanto ela quanto os amigos – Felipe, um rapaz de camisa listrada nos seus 28 anos, e a mulata Ana Paula, que tem “a idade de Cristo” e os cabelos compridos e cacheados –, acompanham o projeto desde os tempos do Pagode do Didi.

Linda é a mais falante do grupo. Para ela, o aumento do número de jovens é devido ao consumo de drogas no local. “Quanto mais *reggae*, mais *rap*, mais droga existe”, reclama, ressaltando que a maior divulgação do evento aumenta os aspectos negativos do projeto. O resultado, segundo ela: depois de divulgada no programa cultural do alternativo apresentador Roger de Renor, a Terça Negra vai parar em Cardinot, programa policial da televisão pernambucana.

Linda é uma das poucas freqüentadoras que resolve falar sobre o lado B do projeto. Seu filho, de 16 anos, já desistiu de ir ao Pátio e estranha porque a mãe freqüenta a Terça Negra. “Ele me diz: você é louca? Ir para a Terça Negra?”, conta, rindo. Da última vez que foi acompanhado da mãe, o garoto teve a bermuda queimada por “um *becke* enorme de um cara muito *doidão* que sequer pediu desculpas”.

“Depois disso, ele não vem mais comigo”, diz. Ela mesma, há quase um ano, não ia para a Terça Negra: a última vez tinha sido em agosto de 2005, para levar uns amigos.

“O objetivo de ser um espaço para os negros se perdeu. É muita agressividade. Travestis abordando pessoas que não querem nada com eles. Gente pedindo esmola. Tinha um restaurante finíssimo que abriu ali (ela aponta para o Beco do Reggae), o *Panela de Barro*, que teve de fechar, devido ao tráfico”, lembra Linda, lamentando o fato de muitos irem ao local apenas para “fazer a cabeça”.

“Fazer a cabeça” é uma expressão que significa muitas coisas. Significa convencer alguém, converter – politicamente, por exemplo. Mas na gíria da maconha, “fazer a cabeça” quer dizer “chapar”, ficar “doidão”, estar sob efeito da droga. Foi nesse sentido que Linda usou a expressão.

Das drogas da Terça Negra, além da maconha, também estão presentes a cola – nos tubos de plástico cheios dos moradores de rua – e às vezes, o loló. Esse último, que é cheirado em lenços, aparece discretamente aqui e ali. Uma vez vi essa droga ser anunciada abertamente, por um homem que a oferecia no meio da multidão que acompanhava o *show* como se vendesse amendoim torrado ou outro produto qualquer.

Um pouco mais na frente da Igreja, a uns 300 metros do palco, um grupo de quatro adolescentes, com idades aproximadamente de 15 a 16 anos, conversa. São dois casais de jovens namorados e estão num papo bastante animado. Poucos minutos depois, chega mais um rapaz, que se junta ao grupo.

“Você trouxe?”, ele pergunta a um dos garotos, depois de cumprimentar, com dois beijinhos no rosto, cada uma das meninas.

Posicionada ao lado do grupo, não consigo detectar a resposta. O primeiro garoto prossegue: “Mas já está *tratada*?”

Olho para o lado, a rodinha de adolescentes já está formada. Rapidamente, eles puxam a seda, preparam a erva, enrolam os “baseados”, nervosos, lambendo a ponta do papel para fechar o cigarro e prestando atenção para ver se estão sendo observados. Desvio o olhar, para não incomodá-los. Meio minuto depois, um cheiro forte, doce, sobe pelo ar.

Outro tipo de público marca presença nas noites de terça-feira do Pátio de São Pedro. São desocupados, vagabundos, cheira-colas, trombadinhas, malandros, moradores de rua. Gente que fica ali para “não fazer nada”, para se entorpecer com cola de sapateiro, para simplesmente dançar, bolando coreografias amalucadas.

E eles riem, dançam entre si, namoram. Diversão gratuita para os excluídos. Às vezes, são crianças que vêm brincando da região do Pátio do Carmo, grupo de meninos e meninas, três ou quatro de uma só vez, tubos de cola presos ao nariz.

Uma noite dessas, quatro deles, seguidamente, vieram me pedir esmola. A menorzinha parecia ter uns quatro anos. Nariz escorrendo. Olhos claros. Mal falava. A mãozinha suja, estendida, enquanto a criança mais velha pedia uma moeda de dez centavos.

“Ela é tua irmã?”, pergunto.

“Prima”, responde a menina maior, desconfiada, puxando a pequena pelo braço.

Na semana anterior à Festa do Carmo deste ano, logo no começo da noite, algumas dessas crianças esconderam suas garrafas de cola sob a roupa e pararam para ver os jogos populares do pátio vizinho ao de São Pedro. Olhavam, com olhos curiosos, os apostadores do tiro ao alvo que, ao acertarem, ganhavam um chiclete ou até um ursinho. De repente, uma briga entre dois meninos.

Um homem vestido de preto, de óculos de aro também preto, que provavelmente era um dos donos da barraca, veio apartar. Puxou o cabelo pixaim de um e ordenou, sem qualquer delicadeza: “Vão brigar longe”. Com o tumulto, as pessoas se afastaram. Abriu-se um vácuo no pátio. Os meninos correram, cada um para um rumo diferente.

Duas horas depois, uma das crianças que presenciou a cena estava de volta; dessa vez, no Pátio de São Pedro. Enquanto rolava o *show*, a garota – uma menina de uns doze anos – recolhia latinhas de cerveja e refrigerante num saco para reciclar. Companheiro inseparável, o tubo de cola ainda estava preso ao seu nariz. Para ela, àquela hora, a diversão já tinha acabado. E, para trabalhar, a noite parecia ser ainda uma criança.



TERÇA É DIA DE NEGRO.
**E DE BRANCO, DE TRAVESTI,
DE SUBURBANO, DE PUNK**

*Essa entrevista é pra quê?
Olha que eu te cato. (Punk Poeta)*

Um menino de rua segura uma quentinha de alumínio e, na porta do bar e restaurante Bangüê, espera ser atendido por alguém. São dois garçons que se revezam no atendimento das mesas do Bangüê nas terças à noite, dia de maior movimento nos bares do entorno do Pátio. Jorge Santos é o mais antigo deles, 22 anos dedicados ao serviço no Bangüê. Entre o atendimento de uma mesa e outra, anotando os pedidos à moda antiga, num bloquinho de papel, ele explica que dia de terça à noite o bar obtém o maior lucro da semana.

Revela que, naquele mesmo dia, vendeu três garrafas de uísque em poucas horas. Um recorde, segundo ele. “Teve tempo em que as grades de cerveja se acabavam todas no começo da noite”, relembra, com uma toalha ao ombro, para enxugar o suor e disfarçar o cansaço.

O garçom Jorge trabalha de segunda a sábado no Bangüê, mas sempre durante o dia. Quer dizer, quase sempre. Na terça-feira, ele faz uma exceção à regra e pega no serviço somente ao escurecer. Trabalhar na Terça Negra para Jorge é uma opção que nada tem a ver com ideologias ou influência cultural. Branco, olhos negros e muito simpático, ele gosta é do contato com o público. “Tem gente que sempre vem aqui, senta na mesma mesa. Eu conheço os clientes pelo nome”, conta, orgulhoso, mostrando os mais antigos.

Jorge pede licença, vai atender ao chamado de uma das mesas. Quando volta, não deixa de atender ao menino de rua com a quentinha. O garoto pede uma sacola plástica para levar a marmita. Jorge entra no bar para buscar.

Quando o movimento se acalma um pouco, o garçom senta para descansar. Enquanto brinca com uma chave, conversa sobre histórias que já ouviu, cenas que presenciou desde o primeiro dia do evento no Pátio. Na minha segunda visita ao Bangüê para entrevistas, ele me indaga:

“Quando acabam as entrevistas?”

“Na próxima semana.”

“Ah... então vou me lembrar de trazer um jornal de quando fui entrevistado aqui”.

“Era sobre a Terça Negra?”

“Não, era sobre o restaurante. Você sabe, sou o garçom mais antigo aqui”, repete, todo orgulhoso.

Após segundos de silêncio, ele entra no assunto, meio tímido:

“Você já ficou até mais tarde na Terça? Venha um dia, acompanhada, para ver os travestis”.

Faço que sim com a cabeça. Ele continua, divertindo-se:

“Alguns são “mulheres”, iguais mesmo. ‘Elas’ vêm, sentam-se aqui, pedem uma bebida. Mas são muito discretas. Depois, chegam os acompanhantes e ‘elas’ saem. Alguns freqüentadores paqueram as que estão sozinhas, mandam bilhete e tudo. ‘Tudo muito discreto’”, enfatiza.

Eu já os tinha visto, em outras ocasiões. Mas, diferente dos descritos por Jorge, não eram travestis bonitos, de corpos perfeitos. Muito pelo contrário. São travestis mais velhos, alguns um pouco gordos. O cabelo, comprido, tingido, não era bem tratado. As unhas, malfeitas. Calças *jeans* bem justas ao corpo, a maquiagem borrada, sem nada de *glamour*.

De fato, existem aqueles que se sentam nos bares, a blusa preta com lantejoulas, olhar distante, à espera de alguém. Mas muitos travestis na Terça Negra ficam logo na entrada do evento, no beco que dá acesso ao Pátio para quem vem da Avenida Dantas Barreto. Ainda por volta das nove ou dez horas da noite, eles formam pequenos grupos, ficam meio que escondidos ao lado de uma cachaçaria, nos vãos de um prédio antigo que já serviu de salão para aulas de dança e agora está fechado, com uma placa de “aluga-se”. Ali, conversam entre si, fumam cigarros baratos, não se misturam, enquanto distribuidores de panfleto divulgam desde festas cubanas até inauguração de mais uma sala de cinema pornô na cidade.

Mas nem todos os travestis se isolam do evento. O afoxé é o ritmo que reúne parte deles, na frente mesmo do palco, numa dança livre de preconceitos, que reúne não só os travestis como também um público *gay* masculino que não se traveste, mas que vibra, canta e requebra ao som do ritmo que louva Oxum, orixá das águas doces, da riqueza, da beleza, do amor e da feminilidade. *Ora-iê-iê-io, Oxum!*

Numa das noites de terça, quem se apresenta é o Afoxé Oxum Pandá que, apesar de ter sede no Recife, foi criado nas ladeiras de Olinda há onze anos pelo babalorixá Tata d’ Oxóssi. Amarelo-ouro e branco nas roupas dos integrantes do afoxé, que de vez em quando dão uma olhada para se verem refletidos no telão montado para transmitir o *show*, uma das

ESTA SOCIEDADE CAPITALISTA ESTÁ SE ENVENENANDO SOZINHA COM SUA MORBIDA SEDE DE DINHEIRO; SEUS MEMBROS SÃO LEVADOS A ADORAR O TER E A DESPREZAR O SER

ESTA SOCIEDADE BUROCRÁTICA ESÁ SE SUFOCANDO SOZINHA COM O CONFORMISMO E SUPRINDO TODA FORMA DE ESPONTANEIDADE. O ÚNICO MODO PELO QUAL SEUS MEMBROS PODEM SE TORNAR CRIATIVOS E DESENVOLVER A PRÓPRIA INDIVIDUALIDADE É ATRAVÉS DE UMA CONDUTA ANTI-SOCIAL. (*).

A CONSCIENCIA HIPPIE SURTIU EM UM MOMENTO QUE A JUVENTUDE NORTE AMERICANA SE VIU EM UM CONTESTO PROPÍCIO À LIBERDADE. ONDE A OPINIÃO PÚBLICA COMEÇOU A QUESTIONAR E A CONDENAR A POLÍTICA ESTADUNIDENSE QUE AINDA SEGUIA A DOUTRINA TRUMAN E O PLANO MARSHALL.

AS CONQUISTAS FEMINISTAS E A DERROTA AMERICANA, NO VIETNÃ, FORAM ALGUNS DOS FATORES QUE FIZERAM COM QUE O MOVIMENTO HIPPIE TOMASSE FORÇAS.

COM AS PALAVRAS "PAZ E AMOR" O RESENTE MOVIMENTO ATRAVÉS DE JOVENS QUE SÓ QUERIAM VIVER SUA VIDAS, MOSTRAVA QUE O MUNDO SEM GUERRAS E INTOLERÂNCIAS É POSSÍVEL. SUAS ROUPAS COLORIDAS, NA MAIORIA DAS VEZES, MOSTRAVAM A ALEGRIA EM UM MUNDO SEM ALEGRI ONDE O OBJETIVO PRINCIPAL DO CAPITALISMO AMERICANO ERA VENCER O COMUNISMO SOVIÉTICO.

O SÍMBOLO ATÉ HOJE USADO POR MUITOS SIGNIFICA A PAZ. MAS NÃO A PAZ "CRISTÃ" QUE TANTO PREGAVA E AINDA PREGA O GOVERNO FASCISTA NORTE-AMERICANO, EM QUE PONHE SEUS VALORES EM NOME DO CERTO. E SIM A PAZ SEM CRISTO, POIS O SÍMBOLO É UMA CRUZ DE PONTA CABEÇA COM OS BRAÇOS QUEBRADOS.

OS HIPPIES DESCENDEM CULTURAMENTE DOS PROVOS, QUE SÃO A PRIMEIRA TENTATIVA DE ORGANIZAR A DELINQUENCIA, FORNECERAM A EXPERIENCIA MARGINAL SUA PRIMEIRA FORMA POLITICA.

HOJE O COLORIDO DE SUAS ROUPAS, AS VIAGENS COSMICAS, A PAZ E O AMOR E TUDO QUE CERCA ESTA FILOSOFIA PERDEU O VALOR. PARA AQUELES QUE ACHAM QUE O TER É O QUE VAI IMPOR TAR MAIS, POIS MERCATILIZAM SUAS ROUPAS, BANALIZARAM AS VIAGENS MENTAIS, A PAZ E O AMOR É SÓ PARA QUEM CONVEM E O SÍMBOLO PAZ SEM CRISTO HOJE É LOGOTIPO DE MERCADORIA.

HOJE LIVRES E ILUMINADOS HABITANTES DO PLANETA TERRA, VIAJANTES DA CONSCIENCIA UNIVERSAL. NÓS OS JOVENS INTOLERANTES PARA COM RESTRIÇÕES, TABUS E PROIBIÇÕES. NÓS ANARKISTAS, AMANTES DA PAZ E DO AMOR E DA IRMANDADE CÔSMICA, CONSIDERANDO QUE DESDE SEMPRE A SOCIEDADE NOS OPRIME COM SUAS DROGAS PASSIVAS, ENTRE AS QUAIS INCLUIMOS TELEVISÃO, PROPAGANDA, COCA-COLA, A IMPRENSA GOVERNAMENTAL, SEUS CALMANTES E EXCITANTES QUIMICOS, O CONSUMO DOS FAISCS OBJETOS ASSUMIDOS COMO NECESSIDADES OU SÍMBOLOS SOCIAIS. CONSIDERANDO QUE NÓS E APENAS NÓS SOMOS DONOS DE NOSSO CORPO E NOSSA MENTE, NOS LIBERTEMOS. RESISTINDO PARA EXISTIR, SÓ ASSIM VIVEREMOS NOSSA REAL CONSCIENCIA.

o RECIDIO ESTÁ POR VIR.

novidades da Terça Negra que, naquela edição, gravava parte dos *shows* para um clipe especial. Naquele mesmo dia, havia sido o lançamento da primeira coletânea da Terça Negra, um CD numa caixinha amarela e preta gravado com apoio da Fundação Palmares.

*No alto de uma ladeira,
numa casa sem eira nem beira,
se você for procurar
a força do candomblé,
de onde vem meu axé,
lá você vai encontrar,
no alto de uma ladeira,
numa casa sem eira nem beira,
se você for procurar,
a força do candomblé,
de onde vem meu axé,
lá você vai encontrar
Eu sou filho de orixá, iaiá
aê, aê,
não venha me provocar,
aê aê*

Não é sempre que o Oxum Pandá toca na Terça Negra. Quando isso acontece, é uma noite muito luminosa, de pátio lotado de pessoas vestidas de amarelo. O Oxum Pandá é um dos mais conhecidos afoxés de Pernambuco, em termos de público e de mídia. Eles têm CD gravado, o *Brilho do Sol* e, além disso, disponibilizam trechos de música na Internet. O Oxum Pandá sabe que tem um público fiel e, inclusive, que tem um público fiel na Terça Negra. Mas, nem por isso, deixa de ser tratado com respeito em seu meio cultural e religioso: *oxum pandá* significa o orixá jovem.

“Vamos fazer uma homenagem a todos os afoxés. Viva Lepê”, esbraveja a vocalista. Em seguida, passa a entoar uma música muito conhecida dos afoxés, cujo compositor Lepê Correia, citado por ela, também acompanhou o processo de criação da Terça Negra desde o princípio:

*Preta, eu estou aqui
Eu estou aqui*

*Mas você está lá
Fazendo o quê, preta?
Fazendo acaçá
Fazendo o quê? Fazendo o quê?
Fazendo acaçá.*

A *acaçá*, tipo de comida usada como oferenda, é encenada pelos integrantes num gesto de mãos que indica o ato de comer. Além da percussão, acompanham os vocalistas um casal de dançarinos, vestidos de orixás, com muito brilho nas vestimentas. A coreografia é uma dança africana, muito sensual.

Embaixo do palco, as pessoas imitam os passos extraídos das danças antigas do ritmo *ijexá*, que fazem referência aos toques de candomblé. Balançam os braços, rodam. Batem palmas, acompanham as músicas. Os fãs sabem cantar de cor as letras das toadas e os trechos em *yorubá*, mas nem todos foram criados em casas de terreiro ou são seguidores do candomblé.

“Quem aqui segue o Oxum Pandá em todos os *shows*?”, pergunta a vocalista, depois de divulgar a página do afoxé no *site* de relacionamentos *Orkut*.

Muitos levantam a mão, entusiasmados. A uma das moças que se identificou como seguidora do grupo, pergunto onde ela mora. “No Iburá”, responde, sem parar de dançar. E, em seguida, me apresenta aos seus amigos: “Esta aqui é minha ‘irmã-de-santo’, este é meu ‘tio-de-santo’”.

A “irmã-de-santo” me oferece o vinho Carreteiro que está bebendo num copo de plástico. Explica que estão ali porque um maracatu do bairro, o Cambina, foi que abriu o *show* aquela noite. Vieram numa turma de seis pessoas para assistir à apresentação porque um dos amigos deles faz parte do maracatu.

O vizinho e “tio-de-santo” da moça que, a essa altura, já voltou para a frente do palco, diz que acabou de se formar em Jornalismo, na Universidade Católica. Chama-se Gilvan, tem 23 anos e fala um pouco sobre as opções de diversão na periferia, que são poucas. O Iburá, bairro da Zona Sul onde eles moram, por exemplo, é considerado por estatísticas da Secretaria de Defesa Social como o mais violento do Recife. Diversão



Público da Terça Negra

mesmo ali é o dominó com cachaça nas praças das unidades residenciais, as chamadas URs, o futebol nos campos mal-conservados e cheios de mato das escolas públicas. Mas há produção cultural nesses subúrbios, produção que escoar para os centros urbanos – caso do maracatu que se apresentou ali, naquela noite.

Assim como as atrações, grande parte do público da Terça Negra não vem do Centro. Chegam de bairros afastados, geralmente da Zona Norte ou Leste do Recife. Ou, ainda, de outras cidades da região metropolitana, principalmente de Olinda e de Paulista – essa última, localizada a 15 km da capital.

O suburbano vem de ônibus e, na volta, atravessa a ponte e pega o “bacurau” no Cais de Santa Rita. No Terminal, enquanto se espera o coletivo do início da madrugada, escuta-se o som ambiente das barracas de comidas do Cais. Músicas completamente distintas das que tocaram a noite inteira a poucos quilômetros dali. Num bar pouco iluminado, cuja placa indica *Recanto da Nita*, um casal dança um brega romântico, que parece vir de um aparelho de som de carro. Ele, sem camisa – aliás, a camisa amarrada na calça *jeans* – faz coreografias sensuais, remexendo o corpo até o chão. A sua dama, de minissaia *pink*, executa os passos comandados pelo parceiro. A trilha sonora da vida real é *Não sou de Pedra*, uma música de Kelvis Duran, considerado o “príncipe do *calipso*” pernambucano.

A Terça Negra é o ponto de encontro não só dos travestis, dos estudantes, daqueles que vêm de lugares longínquos para acompanhar os trabalhos das suas bandas preferidas. Ao lado deles pode estar mesmo um casal de idosos, vestidos com roupas simples, chinelos de borracha, o velho e a velha de mãos dadas, olhos atentos ao palco.

No dia em que encontrei esse casal de velhos, numa das últimas Terças Negras do ano de 2005, quem se apresentava era o maracatu Raízes do Pai Adão, formado pela comunidade do terreiro do Pai Adão, o mais antigo do Estado, que fica localizado no bairro de Água Fria, Zona Norte do Recife. O casal estava ali para acompanhar a apresentação do filho. Depois do *show*, a que os dois assistiram impassíveis, foram embora, de mãos dadas.

Numa das mesas do Bangüê, um homem de chapéu de vaqueiro

bebe um copo de uísque com gelo. Moisés Jorge sempre pede uma dose da mesma marca da bebida. Pergunta se “estou servida”. Educadamente, agradeço e nego a oferta.

O chapéu de couro na cabeça do homem negro não é à toa: Moisés é sanfoneiro. “Eu sou esse daqui”, ele me diz, apontando para a foto de um livro que traz consigo. No exemplar do *Oitavo Encontro de Sanfoneiros do Recife*, a legenda o apresenta como Moisés do Acordeon. “Aqui é um ponto de referência para quem gosta de samba, *reggae*, maracatu. Tem tudo a ver comigo”, afirma ele, que nunca subiu ao palco do Pátio de São Pedro, em dia de terça, para dar uma “palhinha”; afinal, forró não está incluído na agenda do Projeto. Mas nem só de música vive Moisés. Na sua ocupação formal, cata e revende metais e material para ferro-velho num “sucataão”.

Perto da mesa de Moisés do Acordeon, uma estranha dupla de mulheres mascaradas realiza uma *performance*, abordando os transeuntes para que comprem seus poemas, vendidos em formato de *fanzine*. Com um sotaque carioca forçado, sorriem e interpretam Cartola, em busca de reconhecimento do público e uns trocados:

*Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Rio pra não chorar
Quero assistir ao sol nascer
Ver as águas do rio correr
Ouvir os pássaros cantar...*

Em poucos minutos, começa a chover. Debaixo do abrigo de lona de um dos restaurantes, um grupinho de quatro garotos e duas garotas, vestidos de preto e com tênis de cano alto, conversa numa rodinha, isolados de qualquer tipo de música que possa estar acontecendo ao seu redor – tanto o maracatu do palco, quanto o Cartola, interpretado pelas mascaradas performáticas. Um dos rapazes daquela roda de *punks* eu já tinha visto em outra ocasião no evento: um rapaz alto, magro, branco, que pacientemente oferecia algo para vender de mesa em mesa, abordando os frequentadores. O mostruário do seu estoque de vendas era o seu

casaco comprido, escuro, espetado, que ele abria na horizontal, expondo o produto: versos escritos por ele mesmo, vendidos num livreto de poemas xerocado e grampeado por R\$ 1.

Na abordagem, o grupo de *punks* me ignora. Apenas o rapaz dos poemas me dá atenção, apesar da hostilidade: “Essa entrevista é para quê? Olha que eu te cato”, ameaça, acrescentado que está “sempre por ali” e, portanto, pode me achar facilmente. Finjo não ter medo. Pergunto se eles “são *punks* mesmo”. Dizem que sim. “E o que é ser *punk*? É vestir essas roupas?”, pergunto, examinando dos pés à cabeça cada um dos jovens: botas, casaco, alfinetes, o lápis de olho marcando o olhar de uma das meninas. “Também. Tudo tem um sentido. A calça apertada, por exemplo, é o nosso protesto contra o homofobismo. O *punk* é uma ferida aberta na sociedade que nunca acaba”, explica o *punk* poeta, tirando um verso, meio que sem querer.

O *punk* poeta se apresenta, mas pede para eu “não botar o nome aí” (no caderninho). Casaco de couro cheio de alfinetes, calça de correntes, ele desconfia. Pergunta “para onde é a entrevista mesmo” e se não tenho uma câmera escondida. Ele diz que nunca aceitou ser entrevistado – apesar de sempre ter “altas pessoas” querendo entrevistá-lo sobre “essa ‘coisa’ de *punks*”. Em seguida, tenta me vender um dos seus livretos, que rejeito. Aliás, tenta condicionar a entrevista à venda do livreto, mas não compro, receosa de abrir a carteira e ser roubada.

“Veja se assimila alguma idéia”, insiste, e me “empresta” o livreto para que eu leia alguma das poesias. A primeira página traz versos sobre a mulher. Indago sobre o tema e o *punk* fala que o nordestino em geral é machista. “A gente não é como esses caras que chegam para a mulher em casa para transar o feijão da noite e de dia esbalda por aí com qualquer uma”, resume, com uma expressão enojada. “Minha companheira está comigo pelas idéias. Ela não é *punk*, mas acha massa, nunca tinha conhecido um cara que não fosse machista”, conta, orgulhoso.

Os outros não participam da conversa. Isolam-se num segundo grupo, ficam de costas para nós. Apenas o poeta e um casal – Avelino e Mirela – permanecem na roda original. Mas, afinal, o que os *punks* fazem ali, num evento de música negra?

“Eu estou aqui para fazer meu ‘trampo’, vendo poesias a um real. Não tô nem aí para o que rola no palco. Aliás, ninguém aqui tá nem aí pra isso. O pessoal vem pra consumir, seja aqui no bar ou lá no Beco do *Reggae*. É todo tipo de comércio: drogas, comida, sexo. Todos vêm pra cá para consumir”, sentencia o poeta, pessimista.

De acordo com a filosofia desse grupo, os *punks* não têm muitos preconceitos, não são racistas, nem sexistas. Mas, ironicamente, rejeitam muitos dos princípios que deram origem ao evento e fazem a Terça Negra todas as semanas. O poeta acrescenta que, como branco, já se sentiu discriminado na Terça Negra. “Meu colega subiu no palco para falar um negócio sobre as passagens de ônibus e gritaram: ‘sai daí, branquelo!’. O preconceito vem também do outro lado”, declara.

A questão religiosa do candomblé, representada nos palcos, é balela, para ele. “O povo vem pra Terça pra ver essa macumba e ficar chapado. Toda religião é uma forma da chapar”, afirma, descrente da sociedade.

“Essa é a opinião dele”, retruca Avelino, até então calado. “Religião é particular de cada um. Eu mesmo não acredito, mas é melhor acreditar ‘nisso aí’”, ele aponta para o maracatu do palco, “do que na Igreja Católica. Porque isso vem dos antepassados, tá na pele da gente”, o *punk* paulistano de *piercing* embaixo da boca e cabelos *dreadlocks* aponta para sua própria pele, negra. Ele é o único negro naquele grupo de *punks* e não é daqui: é paulistano. Essa é a sua primeira visita ao Estado, também estreante na Terça Negra. Depois de pedir para não “distorcer sua idéia”, como uma vez quando foi entrevistado para o jornal *Folha de S. Paulo*, Avelino fala:

“Em São Paulo, não há nada parecido com a Terça Negra, assim, todo mundo misturado. Claro, tem as baladas *black*, mas é muito diferente. Nos eventos de cultura negra só vão negros. Tem o *Quanza*, evento que acontece todo vinte de novembro na Praça da República, no Centro, que é aberto ao público. Tem também o Agosto Negro, promovido pela prefeitura durante todo mês de agosto nos bairros centrais, em parceria com ONG”.

Avelino e Mirela, sua “companheira”, como a chama, percorreram 2.660 km de São Paulo para Pernambuco, viajando de carona. “A gente esperava encontrar uma efervescência cultural maior aqui”, revela Avelino,

decepcionado nos seus seis dias de estada local. Antes de Pernambuco, eles passaram por Belo Horizonte e pela Bahia e, na volta, pretendem dar uma passadinha por Goiás, sempre como caroneiros.

Em “Sampa”, ele ganhava a vida como marceneiro e ela, como atendente de *telemarketing*. *Anarcopunks* (aqueles que não apenas negam, mas têm uma posição política), os dois hoje vivem em ocupações *punks* do centro da capital paulista, as “comunais”, e rodam pelas estradas do País.

Mirela desenvolve um trabalho feminista no Centro de São Paulo. A atuação do coletivo Estação Liberdade reúne música, propaganda *punk* e debates, divulgando as idéias do movimento. “Trabalhamos tanto para quê? Para ter as coisas, comprar, comprar, comprar, consumir cada vez mais”, diz a jovem, cabelo ligeiramente avermelhado, preso para trás, mãos dadas ao companheiro. Enquanto Mirela fala, Avelino me entrega jornais e panfletos que falam sobre a luta por melhores salários na classe trabalhista, retirada de tropas americanas do Iraque, luta contra a intolerância e o fascismo, direitos das mulheres e denúncia contra *skinheads*.

São folhetos de grupos como o coletivo feminista *Grito de Revolta das Mulheres Libertárias* e dois números do jornal *A Plebe*, da Federação Operária de São Paulo, cujo *slogan*, desde o começo do século passado, é o mais anarquista possível: “Sem Partido nem Patrão!”. Num dos informativos, o imperativo: “Diga não às drogas: vote nulo! Não sustente parasitas!”. Num outro, o verso anticapitalista de Raul Seixas: *Tá rebocado meu cumpade. Como os donos do mundo piraram. Eles já são carrascos e vítimas do mecanismo que criaram...*

Avelino diz que o casal viaja para todos os cantos divulgando o movimento. Às vezes, fazem contato antes, nos lugares onde existem os coletivos. Caso contrário, somente ao chegar aos locais, conhecem os *punks* nas ruas, trocam idéias. Como agora. “Eles são *anarcopunks*, eu sou *punk hardcore*, cultural”, categoriza o poeta, rindo e dizendo não estar nem aí para a política.

O poeta oferece seus livrinhos a uma menina que entra num bar para usar o sanitário. “Eu não. Melhor comprar uma cerveja para ‘lombrar’”, responde a moça loira. Ele a xinga de “*funqueira carioca*”, numa óbvia alusão às roupas justas que a moça está usando. “Então compra e fuma isso, pra

ver o barato que dá!”, ele grita, enrolando seu livreto de poesias como se fosse um “baseado”.

Nem sempre o poeta viveu de poesias. Já trabalhou com administração de empresas, de terno e gravata, já trabalhou em ONG e já teve de enfrentar um “trampo” em Goiânia, no Centro-Oeste. “Ser *punk* é justamente isso. Não ter espaço fixo”, diz. E hoje, onde o poeta mora? “Na favela”, diz, irônico, “corrigindo-se” em seguida: “Na minha rua”. Na roda, os outros riem. Insisto. Ele revela: “Vila dos Milagres”. “Ah, no Ibura!”, exclamo. O *punk* se espanta: “Você conhece?” Explico que já desenvolvi um trabalho com jornais comunitários na UR 2. Ele fala de *fanzines*, publicações artesanais da linha “faça-você-mesmo” da ideologia *punk*. “Conhece Mariana de Maranguape II?”, pergunta, empolgado. Digo que não. A garota do outro extremo da região metropolitana do Recife trabalha com *fanzines*, mas não estava ali naquela noite.

Um homem muito alto – de camiseta regata cinza, mochila, brinco e cavanhaque – cumprimenta os três *punks* que conversam comigo. E me cumprimenta. “Olha aí a oportunidade de você ajudar o movimento. Compre um CD”, ri Avelino, tirando da mochila do “cara” alto um CD cuja capa é preta e branca. O disco reúne músicas de vários grupos *punks* do Brasil, tudo “banda pessimista”, segundo o poeta. Na escuridão, só consigo ler o nome da primeira música da coletânea: *Cuspe*.

Cabelão comprido, um jovem baixinho e de olhos grandes, vem perguntar ao poeta “de que horas ele vai voltar para casa”. “Você também é *punk*?”, pergunto. “Não, metaleiro”, responde o baixinho, sem me encarar. O poeta tenta me explicar que nada impede um *punk* de ser um metaleiro, que o *punk* é filosofia de vida e não uma questão de preferências musicais. Mas o metaleiro cabeludo não quer saber de papo. Vizinho do poeta, quer combinar a volta para casa, afinal, Ibura é Ibura. Além de dividirem o espaço na Terça Negra, o bairro onde moram parece ser a única coisa que une os *punks* aos fãs de afoxé.

AXÉ DE FALA

Muito axé pra você.

Que Oxalá guie teus passos. (Jorge)

Terça-feira. Doze de julho de 2006. Sete horas da noite. Cinco dias antes do Dia de Nossa Senhora do Carmo, padroeira do Recife, o Pátio do Carmo, no Centro da cidade, já está em festa. Barracas de jogos e de adivinhações delimitam o espaço externo: pula-pula, pega-peixe, jogo de argolas, barraca de fogos de artifício.

Dentro da igreja, é rezada uma missa. Senhoras e senhores de amarelo, marrom e branco, cores da santa. Os fiéis louvam, oram com os cânticos em homenagem à Nossa Senhora. A igreja do Carmo está lotada. Mulheres e homens usam um tipo de cordão que indica que participam de atividades da Ordem Terceira do Carmo.

Freiras carmelitas, de marrom, esperam do lado de fora pelo momento de entrar na igreja – numa espécie de ritual específico, talvez. O padre, no microfone, pergunta: “Quem participa do grupo de oração?”

Alguns fiéis se levantam, os outros aplaudem. Em seguida, entoam cânticos e louvam, batendo palmas. Mal sabem eles que, pertinho dali, uma festa profana celebra outros tipos de santos. Os orixás.

Na entrada do Pátio de São Pedro, uma “figura” chama a atenção dos transeuntes. Um negro alto, magro, comprido, com um penteado exótico na cabeça, feito de canudos coloridos. Na calçada, ele mantém um isopor fechado. Dentro do isopor, garrafas *pet* com uma bebida típica da Terça Negra e das ladeiras de Olinda: o “axé de fala”, uma bebida alcoólica escura, preparada com ervas.

Pergunto ao vendedor de axé quanto custa uma dose da bebida. Ele explica, brincalhão, que depende muito. Ele não vende em copos, só em garrafinhas. Pergunto se sai mais barato se reaproveitar a minha garrafa de água mineral vazia. Ele aceita a negociação. Abre o isopor e enche a minha garrafa. Comparo com a quantidade dos outros dois clientes que compraram axé ali e acho que ele me serviu menos que os outros. Reclamo. Os outros dois clientes riem. Ele diz que está igual. Saio conformada.

A última vez que vi aquele vendedor de axé foi em abril deste ano. Ninguém soube informar para onde ele foi. Além dele, há um ponto fixo de venda da bebida no Pátio de São Pedro, ao lado do casarão que antes servia de camarim para as bandas e que, uma noite, no fim de 2003, abrigou um africano recém-chegado ao Brasil, fugido de seu país, clandestino num

navio de bandeira estrangeira que atracou no cais. Na ocasião, o nome dele foi anunciado no palco. Ele apareceu na sacada, a bandeira do MNU tremulando e o Pátio, lotado, olhando para cima. Momento histórico, quase.

A bebida *axé de fala* foi criada nas bases do Alafin Oyó e patenteada por um dos integrantes antigos do grupo e cujos segredos de preparação foram repassados para alguns outros que, hoje, têm seus pontos de vendas espalhados em Olinda e no Recife. Segundo Fabiano, a bebida foi criada porque os participantes das festas do Alafin achavam que “o preço da cerveja estava muito caro”. Daí, Zito, um dos componentes do Alafin, teve a idéia da receita. O nome já diz tudo: Axé de Fala é o “poder de falar, de opinar, de abrir a mente, é a liberdade de expressão”.

O axé de Juca, ao lado do casarão, fica guardado numa garrafa térmica vermelha e esse, sim, é vendido em copos. Certa ocasião, ofereci um copo dessa bebida a um conhecido “de vista” a quem acabara de ser apresentada na Terça Negra. Peri, um paraense com porte de chileno, eu já tinha visto diversas vezes no Recife Antigo, na Rua da Moeda, tocando uma flauta de madeira parecida com um pífano. Quem nos apresentou foi um colega em comum, Dedão, um estudante de publicidade que, de quebra, trouxe para a roda da conversa Flávio, um ator de teatro que às vezes faz propagandas na TV.

Flávio eu também conhecia “de vista”. Costumava panfletar suas próprias peças na porta do Teatro Apolo. Enquanto nós quatro esperávamos o início do *show*, falamos sobre os acontecimentos recentes da cidade. As passeatas dos estudantes no centro da cidade, em protesto contra o aumento de passagens de ônibus e pedindo a “descriminalização” do Passe Fácil virou tema da roda.

As manifestações já duravam pelo menos dois meses. Dedão tinha feito umas fotos muito boas dos protestos e falou sobre as cenas de violência que vira: estudantes sendo presos, pneus queimados, coletivos apedrejados. Folheávamos os álbuns de fotos, comentando a questão política da “coisa” e a poética das fotografias dele, até que os primeiros batuques começaram a soar no palco. Interessante conversa entre estranhos, que papeavam como velhos conhecidos, apesar do encontro recente.

A Terça Negra é assim, cheia de conhecidos de vista. Um deles me chamou a atenção desde a primeira vez que fui ao projeto, em 2002. Léo Rodrigues, 22 anos, chama a atenção pelo *black power* alto, cortado num formato quadrado. O garoto usa óculos, é bem magrinho. Fácil de ser reconhecido. Ao vê-lo, a primeira referência que nos vem à cabeça é James Brown. *Get Up I Feel Like Being a Sex Machine*. Dança com o corpo todo, gingado para frente e para trás, num modo meio americano de dançar. Sim, *black music* está entre as suas referências musicais. Além disso, *jazz*, *blues* e música negra em geral.

Para manter o visual, não há muito segredo. Léo conta que deixou o cabelo crescer e apenas faz a manutenção do corte, aparando dos lados. “Quando o cabelo cresce”, ele conta, “fica muito redondo. Daí é preciso cortar de lado e pentear para dar esse efeito”. E ele mostra a foto de sua carteira de estudante, mostrando como o *black* estava maior, na época em que a foto foi tirada. Para dormir, basta amarrar um pano, para não desmanchar o penteado. E só lava o cabelo mensalmente, para não perder tempo com o penteado. Léo diz ainda que já tentou fazer *dreadlocks*, mas “enrolar o cabelo para baixo, todos os dias, dá muito trabalho”. Por isso mantém o cabelo *black* que o destaca na multidão.

Black power para ele, aliás, vai além de estilo. Um dos maiores líderes negros americanos dos anos sessenta, Martin Luther King, empresta o nome para a assinatura de Léo, que se autodenomina “Luther King” no endereço de *e-mail*. No discurso dele, há espaço para falar de “dominantes e dominados”, racismo, hipocrisia e identidade:

“Frequênto a Terça Negra por dois motivos. Primeiro: porque sou uma pessoa que não tenho nenhum receio de assumir a minha identidade cultural e, ao contrário do que as pessoas afirmam em palestras e conferências, eu, particularmente, não me considero um afro-descendente, pois, para mim, esse termo direcionado para nós negros é um tanto quanto preconceituoso. Segundo, porque é lá na Terça Negra onde eu entro em contato de uma forma direta ou indireta com a cultura negra, através da música (maracatu, afoxé, coco, ciranda), através dos utensílios pessoais (colar, pulseira, brinco, roupa), através da dança, através da língua e dialeto africano que estão presentes nas letras das músicas, através da culinária”.

Para Léo “Luther King”, a Terça Negra, bem como outros lugares espalhados de norte a sul do Brasil, é um espaço de resistência e de veiculação dos ideais da cultura afro. Mas também é um local de encontro, aonde ele vai com seus amigos para badalar. Embora empunhe a bandeira da raça, o jovem morador da Torre, bairro de classe média do Recife, não é cem por cento radical: “Não quero dizer com isso que deva existir uma certa segregação racial e que negros só devem freqüentar lugares onde se veiculam os ideais negros e os brancos, vice-versa. Ao contrário, é importante que as pessoas, sejam elas negras, brancas ou amarelas, entrem em contato com as diferentes culturas, pois somente assim haverá uma sociedade em que todos respeitam uns aos outros. Enquanto o ser humano não aprender a lidar com as diferenças, ele nunca irá aprender a lida com os diferentes”, observa o jovem, com segurança e firmeza de opinião. O recado está dado, Luther King.

Um tipo estranho se aproxima de mim e se apresenta, espontaneamente. “Meu nome é Ricardo”, diz, com um sotaque indefinido. E enfia o dedo no *meu* copo de plástico: “Que bebida é essa?”, pergunta Ricardo, provando o gosto do conteúdo do copo. “É axé de fala”, respondo, incrédula com a atitude dele, e explico de que é feita e onde é vendida a bebida. “De onde você é?”, devolvo. De calças curtas, óculos grandes e coloridos na cabeça e uma blusa roxa de gola alta, o rapaz narigudo faz um gesto que imita Cleópatra. “Sou egípcio”, sussurra. Eu rio, sem acreditar. “Sério?” Desconverso. Penso que é um cara muito esquisito. Ele se afasta. Minutos depois, uma outra pessoa me confirma que ele é egípcio. “E como é mesmo o nome dele?”, pergunto. “Ricardo”, confirma a pessoa, acrescentando que ele gosta de se gabar pelo fato de ser, segundo ele, “o único egípcio no Nordeste”.

Decido, então, levar Ricardo a sério. Pergunto se ele é do Egito mesmo. Ele me diz que sim, que há oito anos saiu do Nordeste da África porque “não consegue se prender a lugar algum”. Morou nos Estados Unidos durante sete anos e, depois, veio para o Brasil, lugar alegre “onde gosta de viver”. Morou durante um ano em Olinda, onde freqüentava a cena alternativa local, mas, há seis meses, trocou de ladeira. Agora, o endereço dele é no bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, e o deslocamento para

o centro da capital carioca é feito de bonde. Mas ainda não sabe se vai voltar para o Rio de Janeiro, ou ir para a Bahia, ou mesmo permanecer em Pernambuco, onde está “de férias”. Ele nada sabe do próprio futuro, filosofia do *carpe diem*.

Ricardo diz que no Rio é mais fácil viver de cultura do que aqui. No nosso Estado, de acordo com sua opinião, há o estigma de quem vive do teatro, da dança. Um estigma cultural e social. “Se você faz teatro, é logo tachado de *gay*”, sentencia, recordando que, na sua terra, não era diferente: “As danças típicas de lá são dançadas por mulheres. Os homens apenas aplaudem e ‘tocam punheta’. É tudo muito reprimido pela religião islâmica. E eu adoro dançar”.

Ao saber o que faço da vida, o egípcio revela desprezar o jornalismo. “Quando morei em Nova Iorque, colaborava com artigos para alguns jornais de lá. Mas eles cortavam, editavam tudo. ‘Padronizavam’ minha própria opinião, me encaixando no sistema”, explica. Ricardo busca o diverso, “quer” ser diferente. Brinca, cantando ironicamente a velha marchinha de carnaval carioca: *Alalaô, ôôôôô / Mas que calor, ôôôô / Atravessando o deserto do Saara / o sol estava quente e queimou a nossa cara*. No meio da conversa ao pé do ouvido, sai dançando de um modo desengonçado e vai comprar uma bebidinha “afoxé”.

Perto do palco, junto a alguns moradores de rua que dançam com suas roupas de molambo, já totalmente embriagados pelos efeitos da combinação entre álcool e cola, um rapaz baixo ignora o comportamento dos outros, que tentam se afastar dos mais pobres. Permanece parado, atento que está ao *show* – e sozinho. Mochila nas costas, cabelo comprido num rabo de cavalo, porém raspado no alto da cabeça, colares, brincos e tornozeleira de cordas e sementes, ele se destaca na multidão pela alvura da pele. Reconheço naquele jovem o mesmo *hippie* que tinha visto pela primeira vez em maio deste ano, durante a *Festa da Lavadeira*, na Praia do Paiva, no município do Cabo de Santo Agostinho.

Luca é italiano, da “terra do queijo parmesão”, como definiu, e está em Pernambuco há oito meses para trabalhar numa organização não governamental. Esta não é a primeira vez que está no Brasil. Há uns dois anos morou em São Paulo, onde percorria as periferias da Zona Leste, de

metrô, e também já conheceu cidades da Região Sul. Na ONG Pé no Chão, dá aulas de capoeira para meninos e meninas em situação de rua. Num português desenrolado de quem já andou muito pelas ruas do País, disse se sentir atraído pela cultura negra, pelos ritmos de um povo brasileiro e nordestino que “pouco valoriza a cultura que tem”.

O *hippie* italiano é filho de camponeses. Em casa, seu cotidiano era no cultivo da terra, com os pais. O ponto alto do dia era a hora do almoço, com o macarrão feito pela família. Nada muito divertido. “O Brasil é tão rico, mas existe muito preconceito com as coisas dos negros. Os meninos mesmo não querem aprender a batucar, dizem que é coisa de macumba”, revela, rindo. Mas depois fica sério novamente: “E eles mesmos são negros, mulatos, é a cultura deles”.

Luca não é um turista qualquer, um “gringo” que está apenas de passagem para tirar fotos e mostrar para a família quando voltar para terra natal. Ele se preocupa com as condições sociais e com a cultura do local que escolheu passar parte da sua vida. O italiano conta que uma das ações realizada, recentemente, pela ONG foi um ato pela derrubada do muro que separa a favela de Santo Amaro do *Shopping* Tacaruna, um dos mais populares do Recife. “Isolaram os pobres, o pior de tudo é o arame farpado, eles nem podem sair. É muito foda” comenta, com o olhar perdido.

Duas mulheres muito brancas, de olhos azuis e na faixa dos vinte anos, chegam para conversar com Luca. Ele me apresenta às duas amigas estrangeiras. Ambas são espanholas, da região da Cataluña. Estão há sete dias no Estado e pela primeira vez na Terça Negra. Ainda não conseguem digerir tudo o que vêem. Sequer conseguem definir se gostam ou não dos *shows*. Mirella, a mais reservada delas, limita-se a declarar, num espanhol truncado, que o evento *es muy distinto, es muy distinto*.

Diferenças, ecletismo. Gente de todos os tipos. A mãe “sarará-crioulo” segura pelo braço a menininha de três anos. A mãe dança, empolgada, enquanto a pequena, mulata clara, apenas observa, ainda sem entender o que aquilo tudo significa. Consciência de raça, passada de geração para geração. Educação que Jorge Arruda, de 40 anos, não teve em casa. Precisou aprender tudo por conta própria.

Jorge tem um nome cheio de simbolismos. Leva no sobrenome,

Arruda, o nome da planta que protege os seres humanos e corta o “olho gordo”, a inveja. Já São Jorge, no catolicismo, é um santo forte, guerreiro, aquele que venceu o dragão com sua espada. No candomblé, o santo católico assume outro nome. É Ogum, orixá da guerra, que abre caminhos na vida.

Assim, desde que nasceu e recebeu um nome, Jorge já era um forte, um valente. Valente foi também ao assumir a sua religião, sendo filho de pais evangélicos. Cresceu num ambiente de proibições, onde tudo era pecado, tudo era reprimido.

“Meus pais eram do candomblé, depois se converteram e viraram evangélicos. Daí veio a repressão dentro de casa. Diabolizaram a cultura negra”, conta, mostrando que não só na cor da pele mora o preconceito. Jorge é aquele tipo de pessoa que pode passar por branco pelas ruas. Assumir-se negro sem ter a pele escura também parece ser um ato de coragem. Atitude de quem é filho-de-santo do pai Xangô, orixá dos trovões e da justiça.

Jorge fala do evento no Pátio de São Pedro: “Mesmo quem não é de santo, de candomblé, vem brincar, ver a cultura. Tudo é festa aqui. Dia de terça é dia das pessoas se vestirem com essas roupas, não terem vergonha de usar um lenço, botar uma faixa na cabeça. É uma maneira de valorizar a beleza negra, a auto-estima da mulher e do homem negros”, ele explica.

O próprio Jorge sabe o que é um estilo Terça Negra, por assim dizer. “Nêgo nagô”, como se declara, ele se faz bonito naquela bata africana, a roupa toda colorida, colares de contas no pescoço. Freqüentador antigo, hoje não vem mais toda semana. Outros afazeres, pesquisas, trabalho, cotidiano, preenchem seus dias e o deixam cansado demais para a Terça. Sabe de cor a última data em que esteve ali, antes daquele encontro: seis de junho. Levou mais de um mês para voltar.

A ocupação do dia-a-dia de Jorge é na academia: é pesquisador de cultura afro. Ele não está sozinho naquela noite. É com Verônica Amorim, 42 anos, que ele divide o prato de arrumadinho cheiroso “que é o jantar dos dois, após mais um dia de trabalho”, como ela revela. A professora Verônica Maria tenta trabalhar as questões de cultura negra nas escolas

– algo que sabe muito bem ser ignorado pelos livros de História. Mas a didática vai além das quatro paredes de uma sala de aula. Essa, ela leva para a vida. Para o dia-a-dia das ruas, de casa e, claro, para os momentos de lazer, como naquele espaço.

Verônica abre a bolsa com suas unhas compridas pintadas de azul cintilante e puxa um livro: *Educando pela Diversidade Afro-brasileira*. O autor? Jorge Arruda. Na primeira página do livro, uma dedicatória especial, escrita à mão, para ela. Homenagem que só é dada para uma amiga de longa data como ela.

“Nos conhecemos há muuuuito tempo”, ri Verônica, numa gargalhada gostosa, bem-humorada. No começo meio reservada, ela logo começa a falar mais, a se soltar, a participar do relato.

A ligação de ambos com a história da Terça Negra é antiga. Remonta a um tempo anterior ao projeto no Pagode do Didi, quando, nos seus bairros de origem, eram produzidos os eventos isolados de música de negro nos anos oitenta e noventa.

“Começamos com o *Afro Camará*, uma festa que acontecia em Camaragibe, na região metropolitana. Tinha também o *Samba Axé*, em Olinda. Com a Terça Negra, a vantagem é que fica mais central para quem sai do trabalho, para quem vem de outras cidades. Também é um espaço para trazer nossas coisas, vestir nossas roupas”, revela Verônica – não sem antes perguntar pela segunda vez se realmente não quero provar o arrumadinho, prato que mistura farofa, feijão verde e charque picadinho.

Qual o melhor *show* que os dois amigos já viram na Terça? A resposta é unânime: afoxé Ilê de Egbá, do Alto José do Pinho. Os dois estavam ali justamente para isso. Rever o Ilê de Egbá, grupo que existe há mais 20 anos.

Verônica também não ignora as muitas facetas da Terça Negra. Mas, para ela, a questão comportamental enriquece o projeto. “Paralelo ao evento cultural, há lugar para os maconheiros, para os homossexuais se sentirem à vontade. É quando a Terça deixa de ser negra para se tornar Terça da Diversidade”, teoriza.

De acordo com a opinião dos dois, o preconceito com o evento tem a ver com preconceito também social e religioso, além de racial. A

questão da violência também é um estigma. “É que muito negro junto é o quê? Rebelião”, define Jorge.

Linda, que é amiga de ambos, recorda que antes os frequentadores tinham uma consciência do projeto para além do puro e simples divertimento. “A cultura ortodoxa se perdeu”, lamenta.

Tanto Jorge quanto Verônica lembram que a princípio havia um sentido mais religioso para a festa. Algo que mudou com a chegada de um novo público. “É preciso se educar não para o espetáculo, mas para o axé”, ensina Jorge. Mas o que é o axé? “É a força vital, o respeito, é a cidadania plena”, conclui.

A entrevista acaba antes de o arrumadinho chegar ao fim. Eu me despeço, para não mais atrapalhar o jantar deles. Vou apertar a mão de Jorge, mas ele se levanta. O abraço de despedida é, na verdade, um cumprimento utilizado durante os toques nos terreiros de candomblé. Ele me cumprimenta me abraçando da direita para a esquerda e se despede: “Muito axé para você. Que Oxalá guie seus passos”.

GLOSSÁRIO

As principais expressões pernambucanas, gírias, termos de música e vocábulos afro utilizados em *Dia de Negro* foram sistematizadas no glossário a seguir:

A

- Acaçá – comida oferecida como oferenda aos orixás .
- Alma sebosa – gíria pernambucana que significa pessoa mau-caráter ou ligada ao mundo do crime. Também é usado apenas “alma”.
- Alto – embriagado ou drogado.
- Alterado – embriagado ou drogado.
- *Anarcopunks* – *punks* que propõem mudança das estruturas sociais vigentes não só através da música, mas a partir da organização de *fanzines*, jornais, ONG e coletivos.
- *Ara-ie-iô* – louvação ao orixá Oxum.
- Axé – poder, força vital.
- Axé de fala – bebida alcoólica preparada com ervas.

B

- Baculejo – revista policial de surpresa em que todos são obrigados a encostar na parede e ser revistados.
- Bacurau – último ônibus de cada uma das linhas da região metropolitana a circular durante a noite.
- Barato – lombra, alteração de sentidos pelo uso de drogas.
- Baseado – cigarro de maconha.
- *Beck* – cigarro de maconha.
- *Boyzinho* – filhinho-de-papai, jovem de classe média alta
- Brodagem – camaradagem.

C

- Calipso – ritmo caribenho que serviu de base para o novo brega dos anos noventa, oriundo do Norte do País e que encontra forte representatividade em Pernambuco.

- Calunga – boneca de cera e madeira que representa o orixá no maracatu.
- Chapar – lombrar, estar chapado, ter os sentidos alterados pelo uso de drogas
- Cheira-cola – viciado em cola, termo usado em sentido pejorativo.

D

- *Dreadlocks* – estilo de penteado em que o cabelo é dividido em partes da ponta à raiz e enrolado com cera ou algum outro produto que o deixe embaraçado. Há ainda outras técnicas para fazer os *dreads*, como os costurando com agulha ou enrolando naturalmente, sem lavar o cabelo. Essa última é mais aplicada em cabelo naturalmente pixaim.
- Dólar – na gíria da droga, pequena quantidade de maconha separada em pacotes.

F

- *Fanzine* – publicações artesanais na linha “faça-você-mesmo” dentro da ideologia *punk*. Usa-se também apenas *zines*.
- Fazer a cabeça – influenciar ideologicamente. Na gíria da droga, significa também “chapar”.
- Figura – gíria usada para definir pessoa diferente, exótica, original, que chama a atenção.
- Fumar uma – alusão ao ato de fumar maconha.

H

- *Hardcore* – pesado, agressivo. No sentido *punk*, refere-se ao aspecto mais cultural, mais musical do movimento.

I

- *Ijexá* – Nação africana correspondente à Nigéria, sobrevive atualmente no Brasil como ritmo que dá base para o afoxé.

K

- *Kaô Kabésilé* – louvação ao orixá Xangô.

L

- Lombra – barato, alteração de sentidos provocada pelo uso de drogas.

M

- Mala – gíria usada para se dizer de uma pessoa inconveniente, chata ou mau-caráter.
- Metaleiro – roqueiro.

P

- Proibições – músicas *funk* que fazem apologia ao crime.
- *Punk* – movimento de contestação, surgido nos subúrbios dos EUA e da Inglaterra dos anos setenta, criado por jovens que não viam nenhuma perspectiva de futuro. O termo passou a ser usado também no sentido de tribo urbana, ligada a atitudes, modo de vestir e estilo musical.

R

- Rasta – corruptela de rastafári.
- Rastafári – religião jamaicana que cultua *Jah* (Deus) e faz uso sacramental da maconha. No Brasil, os sentidos estético (*dreadlocks*) e cultural (*reggae*) são maiores do que os religiosos.

S

- Sarará Crioulo – Pessoa que tem o cabelo crespo, porém naturalmente claro, alourado.
- Seda – papel de seda usado para embalar cigarro de maconha.
- *Skinheads* – xenófobos, grupos intolerantes que, no Brasil, realizam atos, agressões e distribuem propagandas que incitam ao racismo e ao preconceito contra negros, homossexuais e nordestinos.

T

- Trombadinha – termo pejorativo usado em geral para crianças e adolescentes em situação de rua que praticam pequenos furtos.

Y

- Yorubá – dialeto africano encontrado em muitas letras de afoxés.

